

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

THAIS TKATCHUK FERREIRA

REGISTRO DE VIVÊNCIAS: AS MARCAS DA EXPERIÊNCIA EM  
MINHA FORMAÇÃO

CAMPINAS  
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA  
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP  
GILDENIR CAROLINO SANTOS – CRB-8ª/5447

Ferreira, Thais Tkatchuk.

F413r

Registro de vivências: as marcas da experiência em  
minha formação / Thais Tkatchuk Ferreira. – Campinas,  
SP: [s.n.], 2011.

Orientador: Maria Teresa Eglér Mantoan.

Coorientador: Cândida Maria Santos Daltro Alves.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) –  
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de  
Educação.

1. Práticas educativas. 2. Memória. 3. Autonomia. 4.  
Autoridade. I. Mantoan, Maria Teresa Eglér. II. Alves,  
Cândida Maria Santos Daltro. III. Universidade Estadual  
de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

**Universidade Estadual de Campinas**  
**Faculdade de Educação**

**REGISTRO DE VIVÊNCIAS: AS MARCAS DA EXPERIÊNCIA EM  
MINHA FORMAÇÃO**

**Autor: Thais Tkatchuk Ferreira**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como exigência para a  
conclusão do curso de Pedagogia na  
Faculdade de Educação da Universidade  
Estadual de Campinas, sob a orientação do  
Prof. Dra. Maria Teresa Eglér Mantoan.

**CAMPINAS**

**2011**

Thais Tkatchuk Ferreira

## REGISTRO DE VIVÊNCIAS: AS MARCAS DA EXPERIÊNCIA EM MINHA FORMAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para a conclusão do curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Teresa Eglér Mantoan.

Campinas, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Maria Teresa Eglér Mantoan - Orientadora

---

Profa. MsC. Cândida Maria Santos Daltro Alves - Coorientadora

Campinas

2011

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Sinara e Luiz  
Aos meus avós Neusa, Terezinha e Frederico  
À Ana  
À Elô  
Aos amigos que se tornaram irmãos, Iuri e Karina  
Aos amigos de profissão André e Fernando  
À minha professora Maria Teresa

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo que hoje sou, pelo amor, dedicação, apoio e amizade.

À Tia Lúcia, por toda amizade, parceria e cumplicidade;

À Vó Terezinha e ao Vô Frederico, pela infância e por me mostrarem a simplicidade e fugacidade da vida;

À Vó Neusa, pelo apoio incondicional à minha independência e felicidade;

À Sandrinha, por me possibilitar o sabor que é ter uma irmã; e por me tornar tia;

Ao Jeter, pelo incentivo de sua “porra-louquice” juvenil;

À Daphne e José Pedro, por me tornarem Madrinha;

À minha família toda, que sempre esteve na torcida;

À Família Steinberg, pelo acolhimento e carinho de sempre;

À Dona Cida, Zits e família, pela adoção e acolhimento campineiro;

À Vera, por todo carinho, força, apoio, confiança e companheirismo;

À Família Almeida, pelo acolhimento;

Ao André, pela amizade, companheirismo e paciência em todos os momentos;

Ao Iuri, pelos desabafos, encorajamento, amor, parceria e conforto;

À Zimmermann, pela caminhada de mãos dadas;

Às meninas da Casa Azul, pelos momentos pseudo-familiares;

A todos os familiares, amigos e colegas de faculdade, por todos os dias de risadas, estresses, partilhas e greves;

À Karina, pelo amor verdadeiro, paciência e cumplicidade;

Ao Victor Bonora, por me livrar dos pudores, pelo amor e companheirismo escolar;

À Mirela, pelo encontro e sessões de psicanálise;

Aos amigos da Moradia, pela recepção e momentos únicos;

À Jana, por me apresentar à vida universitária;

Ao Fer, por fazer me apaixonar pela educação infantil;

À Sabrina, pelo encontro e pela certeza;  
À Isadora, pelas histórias e por sempre estar;  
Ao João, pela presença e piadas inteligentes;  
Ao Broke, pela parceria social e amizade, é claro;  
Ao Thi, pelos jantares, conversas, carinho e companheirismo;  
Ao Marcelinho, pelos filmes e desabafos;  
Ao Caio, pelo carinho e encontro;  
À Heleninha, pela energia feminina e parceria;  
À Tchela, em especial, pela maternidade;  
À Adriely, pelo apoio de sempre;  
À Ferragut, pela amizade e carinho;  
Ao Zé e Rô, pelos refrescos com limão do quintal;  
À Poliana, pelos desabafos, apoio e cumplicidade;  
À Bia Ruela, pela experiência e momentos de socorro;  
À Elô, por trazer de volta o prazer pelo trabalho;  
À Clélia Croda, por todo carinho, apoio e torcida;  
À Ana, pelo resgate e pelo despertar;  
À Iara, pelo reencontro com minha infância;  
Ao Grupo de trabalho dos Sementes Crioulas, por todo carinho e partilha;  
À Simone Grisi, pela verdadeira parceria no trabalho;  
À Carlinha, pela amizade de sempre;  
À Lú e Martinha da Coordenação, por todos os “galhos quebrados”;  
Aos amigos e companheiros do Prodecad, por todos os dias de trocas e sorrisos;  
À Janaína Fontebasso, pelo novo fazer e, especialmente, pela Biodanza;  
À Samanta, pela amizade, confiança e parceria na vida e no trabalho;  
Aos amigos e parceiros da Rádio Muda e Rádio Buda, pela possibilidade e vivência;  
Aos amigos e batuqueiros do Pagode do Souza, pelas abstrações do cotidiano;  
À Martinha, pelo primeiro contato com os instrumentos;  
À Cris Bueno, pelo encontro orgânico com a música;

Às Caixeiras das Nascentes, pela vivência e partilha;

Aos grandes veteranos, Léo, Tchela, Gabi, Flor e Lai pelo encontro com o movimento estudantil;

Às Professoras Ana Lúcia Goulart, Carminha, Maria Carolina, Ana Lanner, Beth Baroli e Nana; e aos Professores Guilherme, Freitas, Vicente, por me fazerem ter certeza de estava no caminho certo;

Ao professor e inspirador, Silvio Gallo, pelo apoio e por me apresentar à pedagogia anarquista;

Aos amigos e companheiros da Executiva Estadual de Estudante de Pedagogia, pela experiência e formação;

Ao Caio Padilha, pela ajuda e revisão;

À Cândida, por todo carinho e dedicação com meu trabalho;

À Professora Maria Teresa Eglér Mantoan, pela orientação, pelo trabalho, pela troca, confiança, partilha e carinho. Por me encorajar e fazer acreditar em meu potencial, em minha escrita e principalmente em meu fazer.

Aos mestres da música Baden Powell e Kitaro, pelos momentos de inspiração na escrita;

Enfim, agradeço a todos que passaram e marcaram minha trajetória, compartilhando ideias, experiências, angústias, ideologias, sensações, sentimentos, saberes, momentos, curtição e inspiração. Muito obrigado por sempre me apoiarem e incentivarem minhas escolhas, e principalmente por acreditarem em minha atuação na educação.

## RESUMO

### REGISTRO DE VIVÊNCIAS: AS MARCAS DA EXPERIÊNCIA EM MINHA FORMAÇÃO

Este trabalho pretende apresentar minha trajetória de formação na academia a partir da seleção de registros feitos em meu caderno de memórias, construído durante minha experiência no Projeto Sementes Crioulas.

Os momentos vividos no projeto acabaram possibilitando um resgate de marcas fundamentais em minha trajetória acadêmica e, exercito então neste trabalho, a reconstituição do vivido a partir da articulação de todos os estudos teóricos que realizei durante o curso e que foram significados através da prática dentro e fora da universidade. Dialogo, em alguns momentos, com autores que se encontram com minhas concepções de atuação na educação, como Paulo Freire, Jaques Rancière, Silvio Gallo, Rubem Alves, Michael Foucault, Cecília Warschauer, Suely Rolnik, Loris Malaguzzi e João Wanderley Geraldi, ressaltando o importante papel do registro das experiências e das marcas no processo de formação.

**Palavras-chave:** Práticas educativas, memória, autonomia, autoridade.

*“Educar os educadores! Mas os primeiros devem começar por se educar a si próprios. E é para esses que escrevo”  
(Nietzsche)*

*“Quem não se movimenta não sente as correntes que o prendem”  
(Rosa Luxemburgo)*

*"Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos."  
(Paulo Freire)*

*“Aventurar-se causa ansiedade, mas deixar de arriscar é perder a si mesmo... E aventurar-se no sentido mais elevado é precisamente tomar consciência de si próprio”  
(Kierkegaard)*

*"Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento"  
(Clarice Lispector)*

## Experiência

Era uma luz, um  
clarão,  
Um insight num  
blecaute.  
Éramos nós sem ação,  
Como quem vai a  
nocaute.  
Era uma revelação  
E era também um  
segredo;  
Era sem explicação,  
Sem palavras e sem  
medo  
Era uma  
contemplação  
Como com lente que  
aumenta;  
Era o espaço em  
expansão  
E o tempo em câmara  
lenta.  
Era tudo em  
comunhão  
Com o um e tudo à  
solta;  
Era uma outra visão  
Das coisas à nossa  
volta  
E as coisas eram as  
coisas:  
A folha, a flor e o  
grão,  
O sol no azul e depois  
as  
Estrelas no preto vão.  
E as coisas eram as  
coisas  
Com intensificação,  
Que as coisas eram as  
coisas  
Porém em ampliação

Era como se as  
víssemos  
Entrando nelas então,  
Com sentidos  
agudíssimos  
Desvelando seu  
desvão,  
Indo por entre, por  
dentro,  
Aprendendo a  
apreensão  
De tudo bem dês do  
centro,  
Do fundo, do  
coração.  
Era qual uma lição  
Del viejo brujo don  
juan;  
Uma complexa  
questão  
Sem nexo qual um  
koan;  
Um signo sem  
tradução  
No plano léxico-  
semântico;  
Enigma, contradição  
No nível de um  
campo quântico  
Era qual uma visão  
De um milagre  
microscópico,  
Do infinito num  
botão,  
E em ritmo  
caleidoscópico,  
Ciclos de aniquilação  
E criação sucessiva,  
Átomos em mutação,  
Cósmica dança de  
shiva.

E as coisas ao nosso  
ver  
Davam no fundo a  
impressão  
De ser de ser e não-ser  
A sua composição;  
Como a onda tão  
etérea  
E a partícula não tão  
Num ponto tal da  
matéria  
Tanto 'tão quanto  
não 'tão.  
Até que ponto  
resistem  
A lógica e a razão,  
Já que nas coisas  
existem  
Coisas que existem e  
não?  
O que dizer do  
indizível,  
Se é preciso precisão,  
Pra quem crê no que  
é incrível  
Não devanear em  
vão?  
Era uma vez num  
verão,  
Num dia claro de luz,  
Há muito tempo, um  
tempão,  
Ao som das ondas  
azuis.  
E as coisas aquela vez  
Eram qual foram e  
são,  
Só que tínhamos os  
pés  
Um tanto fora do  
chão.

(Chico César e Carlos Rennó)

***Ao contrário, as cem existem.***

A criança é feita de cem.

A criança tem cem mãos.

Cem pensamentos.

Cem modos de pensar de jogar e de falar.

Cem sempre

Cem modos de escutaras maravilhas de amar.

Cem alegrias para cantar e compreender.

Cem mundos para descobrir.

Cem mundos para inventar.

Cem mundos para sonhar.

A criança tem cem línguas (e depois cem, cem, cem)

Mas roubaram-lhe noventa e nove.

A escola e a cultura lhe separam a cabeça do corpo.

Dizem-lhe: de pensar sem as mãos

De fazer sem a cabeça

De escutar e de não falar

De compreender sem alegrias

De amar e de maravilhar-se

Só na Páscoa e no Natal.

Dizem-lhe: de descobrir um mundo que já existe

E de cem

Roubaram-lhe noventa e nove.

Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho a realidade e a fantasia a ciência e a imaginação o

céu e a terra a razão e o sonho

São coisas

Que não estão juntas.

Dizem-lhe, enfim, que as cem não existem

A criança diz:

Ao contrário,

As cem existem.

(LORIS MALAGUZZI)

# SUMÁRIO

Introdução.....	14
Desenvolvimento.....	17
Considerações Finais.....	86
Referências Bibliográficas.....	95

## Introdução

Pensando sobre o que abordaria em meu Trabalho Final de Conclusão de Curso (TCC), inúmeros temas perpassaram minha cabeça, devido à infinidade de coisas que ganharam grande significado em minha trajetória na faculdade.

Juntamente com o processo inicial de construção do TCC, comecei a participar do Projeto Sementes Crioulas - um projeto de educação que acontece dentro da moradia estudantil da Unicamp -, iniciei minhas atividades, sem grandes expectativas, e aos poucos fui me envolvendo e percebendo que tudo que estava vivendo possibilitava um reencontro comigo mesma, além de resgatar marcas da minha história, objetivos, ideologias, formas de atuação, enfim, o meu resgate.

Construímos, no projeto, um caderno de memórias e registros do grupo e também um caderno individual. Assim, passei a construir e registrar neste caderno minhas impressões, pensamentos, sensações, sentimentos, enfim, um registro das minhas vivências no projeto, que, para além, me possibilitou o resgate e o registro de memórias da minha vida e marcas fundamentais em minha trajetória acadêmica.

A partir disso, constatei que não poderia concluir a faculdade sem levar em consideração toda essa vivência, enfim, a minha história, meus sentimentos e reflexões, e decidi compartilhar essas experiências em forma de registro literário para compor meu trabalho final de curso.

“Registrar é deixar marcas. Marcas que retratam uma história vivida.”  
(WARSCHAUER, 1993, p. 61)

A prática docente é repleta de desafios e o principal deles, a meu ver, é não se deixar acomodar com as situações. Precisamos estar em constante movimentação, em constante busca pelo novo, pelo desconhecido, além de analisar e refletir o já vivido e experimentado para a construção deste novo. De acordo com Paulo Freire (1996),

“A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. (...) O que se precisa é possibilitar, que, voltando-se

sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica.” (pp. 38-39)

Dessa forma, o registro das vivências tem importante papel neste processo de reconstrução do vivido e construção do novo, pois possibilita reviver o momento a partir das palavras escritas e relacioná-las com a teoria, construindo, assim, nossa memória compreensiva, ou seja, este exercício constrói a significação da teoria através do registro de sua prática, pois é através da escrita solta, sem objetivos técnicos ou acadêmicos, que se colocam para fora nossas reais impressões, sensações, angústias e frustrações.

Percebo, por vezes, a grande dificuldade que as pessoas sentem em escrever seus pensamentos, sentimentos e impressões. As ideias faladas são muito mais exercitadas do que as ideias escritas, pois a escrita registra e, mesmo que mudemos de ideia, aquilo registrado permanece lá. Escrever sobre si, e sem ter certeza sobre o que se pensa, é difícil, pois não satisfaz uma ordem lógica, deixando muito claro nossas contradições e incoerências de nosso inconsciente. Quando isso acontece, estamos vulneráveis às críticas construídas a partir do pensamento cartesiano, que valoriza o que é lógico e objetivo. Assim para WARSCHAUER (1993),

“(...) registrar é a própria condição de existência da História. Não há história sem registro. (...) registrar a própria história é uma atitude que nos faz sujeitos, que nos dá a dimensão de quem somos, do que vivemos, enfim, nos auxilia na apropriação do vivido.” (p. 56)

Este exercício da reflexão a partir do registro das vivências não é fácil, pois nos coloca por vezes diante de complexas contradições entre a teoria e a prática, porém, ao mesmo tempo acaba nos libertando, pois voltamos os pensamentos para nós mesmos, nos conhecemos de fato e vamos nos constituindo como indivíduos completos e esclarecidos de nós mesmos, de nossos pensamentos e práticas, prontos para buscar e criar o novo. Com isso, Warschauer (1993) vem dizer que,

“(...) o ato de refletir é libertador – porque instrumentaliza o educador (professor, coordenador, orientador) no que ele tem de mais vital: seu pensamento. (...) o ato do registro da reflexão, cotidiano, historiciza o processo e instrumentaliza para a conquista do produto: a apropriação da teoria que fundamenta esta prática. (...) o ato de refletir, estudar é um permanente rever-se, reler-se, através do entendimento do outro. É fonte constante de conflito, mal estar, desprazer, mas também de muito prazer.” (pp. 15-16)

Nesse sentido, pretendo, neste trabalho, apresentar minha trajetória de formação acadêmica, iniciando a partir da contextualização do processo de ingresso na universidade; dos espaços de vivência e formação experienciados extraclasse; o processo de ingresso e significação do projeto Sementes Crioulas; e então, a partir das marcas resgatadas, dialogar com outros autores as minhas concepções de atuação na educação, ressaltando a importância do registro das experiências e das marcas no processo de formação do educador.

## Desenvolvimento

Uma lapiseira, um caderno, muitas vivências e minhas memórias. Resgates de momentos vividos e significados por mim – marcas - foi assim que, de repente, começou a ser gerado meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Pretendo comentar estes registros da minha memória, trazendo conceitos e ideias que não foram claramente expostos em meu caderno.

Não sei se conseguirei realizar de maneira satisfatória esta tarefa, pois, quando escrevo em meu caderno, as palavras saltam ao papel quase sem que eu perceba e estão geralmente sempre muito ligadas aos meus sentimentos e sensações. Estas acabam sendo colocadas de modo subjetivo ou talvez poético, que somente é claro para mim ou para alguém que tenha vivido toda aquela experiência comigo, ou ao menos tenha me ouvido contar a história.

Pois bem, para que possam entender tudo que minhas palavras buscaram dizer, preciso contar também algumas histórias.



Figura 1 - O CAP e o ingresso na universidade. (Ilustração: Thaís Tkatchuk)

A grande primeira história a ser contada faz parte do meu processo de formação na universidade. Entrei na faculdade em 2007, praticamente “de paraquedas”, sem saber exatamente o que buscava dentro da educação, nem ao

certo o que a universidade podia me oferecer. Ingressei na 6ª chamada, as aulas já haviam começado e pensando hoje, não tinha grandes expectativas nem desejos. Tudo aconteceu muito rápido e inesperadamente – já estava cursando Serviço Social em São Paulo quando soube que havia sido chamada pela Unicamp. Quando me dei conta já estava participando de movimentações políticas da universidade e, em 04 meses, eu já me tornava secretária do Centro Acadêmico de Pedagogia. No ano seguinte, um grande amigo, o Fer<sup>1</sup>, perguntou-me se eu tinha interesse em ir trabalhar com ele no Prodecad - Programa de Interação do Desenvolvimento da Criança e do Adolescente<sup>2</sup>, visto que estavam procurando uma estagiária.

Naquele momento, pensava em me manter financeiramente na universidade, além de adquirir uma experiência dentro da minha área de estudos. Enfim, levei meu currículo, fui entrevistada e no dia do meu aniversário, no ano de 2008, recebi uma ligação em que me avisaram sobre a conquista da vaga de estagiária. A partir daí, grandes mudanças aconteceriam na minha vida, porém não fazia ideia disso.

No primeiro dia de trabalho só me lembro de sentir muita dor de barriga, enjoos, tremedeiras, insegurança, angústias. Apresentaram-me os espaços físicos da escola<sup>3</sup>, sua rotina, as crianças e já comecei a trabalhar. Todo o processo de adaptação foi um grande desafio! Trabalhava com crianças de 06 a 11 anos na oficina de artes juntamente com uma professora responsável e, durante todo o ano, é que fui entendendo o real funcionamento das rotinas, burocracia e hierarquias presentes.

Durante o ano de 2008 muitas coisas ocorreram em minha vida pessoal, sendo o mais marcante o adoecimento do meu avô, seguido por seu

---

<sup>1</sup> Fernando Peixoto Stevaux, nascido em Campinas em 1978, morador e grande conhecido em Barão Geraldo. É técnico em química pelo ETECAP, graduando em pedagogia pela Unicamp. Atuou como estagiário durante 3 anos no Programa de Interação e Desenvolvimento da Criança e do Adolescente. Possui grande talento para a relação e interação com pessoas. Para mim, um homem de grande coração.

<sup>2</sup> Atende a crianças em três subprogramas: pré-escola, apoio à escolaridade I (da 1ª a 4ª série) e apoio à escolaridade II (da 5ª a 8ª série). Tem como objetivo oferecer as mais diversas possibilidades de expressão de modo a propiciar a produção de conhecimento e cultura por meio dos jogos e brincadeiras e das artes. Para que isso ocorra oferece amplo espaço para brincar, ateliês de artes plásticas, oficinas de música e movimento e profissionais em constante processo de formação em arte-educação. (Disponível em <http://www.unicamp.br/unicamp/servicos/infra-estrutura/creches-e-escolas>)

<sup>3</sup> Citarei algumas vezes a palavra “escola” neste trabalho, pois lá no Prodecad a equipe se referia ao Programa desta maneira. Era entendida por todos como uma escola de educação não-formal.

falecimento, e após 7 dias tive de lidar também com a morte da minha avó após uma cirurgia repentina de coração. Sem contar que, no ano anterior, tínhamos passado pela morte, também repentina, da minha avó materna. Foi muito difícil lidar com tudo isso, pois minha família sempre foi muito presente em meu desenvolvimento e formação. Passei parte da minha infância na casa dos meus avós, e digamos que, me criaram junto com meus pais. Enfim, era parte de mim que partia, mas marcava, porém, uma nova fase de vida. As lembranças sempre estarão presentes e no decorrer da leitura vocês entenderam a razão pela qual escrevi tudo isso.

No Prodecad, ainda em 2008, minha experiência foi um pouco conturbada, devido à relação que eu e a professora com a qual trabalhava estabelecemos. Tínhamos muitos conflitos, divergências de ideias e concepções sobre educação, mas eu estava lá para aprender algo e não podia abandonar o barco. Mesmo com a conturbada relação, consegui estabelecer muitas relações, tanto com os demais professores quanto com a equipe técnica e, principalmente, com as crianças. Foi no trabalho com as crianças e a descoberta da pedagogia anarquista, através de Silvio Gallo, que tudo começou a fazer sentido e minha vontade de abandonar o curso se tornou uma questão superada. Lembrando o que li de Loris Malaguzzi, aprendi um pouco o que era trabalhar com crianças, através das próprias crianças.

“Um pensamento simples e confortador veio em meu auxílio: que as coisas relativas às crianças e para as crianças, somente são aprendidas através das próprias crianças” (MALAGUZZI, 1999, p.61 apud EDWARDS, C., GANDINI, L. e FORMAN, G., p.61)

Foi meu primeiro grande contato com crianças dentro de uma instituição, e diria que foi algo inesquecível, porém o desejo em desvendar a Educação Infantil me rondava as ideias. Informei à minha coordenadora a respeito desse interesse e no início de 2009 já estava trabalhando com uma turma de Educação Infantil, ou melhor, “A Turma do Jacaré”. Sobre eles, vocês ainda encontrarão muitos registros, memórias e comentários neste trabalho.

Foi com a “Turma do Jacaré” que vivi meu grande ano! Estava com muito medo do que seria esse enigma chamado Educação Infantil. Como deveria

conversar com as crianças? Como lidar com elas? No início foi um pouco tenso, mas aos poucos, elas mesmas foram me mostrando como deveria e poderia acontecer. Estava entrando em uma piscina de conhecimentos, experiências, sensações, responsabilidades, sentimentos e muita diversão! Lembro-me de uma fala minha antes da apresentação de um vídeo que fiz sobre a turma no encerramento do ano, que dizia assim: “Enquanto vocês trabalhavam, a gente se divertia aqui!”.

Muito bom me lembrar disso. O dia da festa de encerramento foi um dos dias mais felizes de toda minha vida. Pude receber todo o carinho tanto das crianças, quando das famílias, e acima de tudo um reconhecimento do meu trabalho, meu não, NOSSO. Digo nosso, pois não estava sozinha, é claro. Foi na Educação Infantil que tive o grande prazer de conviver, dividir angústias, anseios, dúvidas, além de aprender tanto sobre educação quanto sobre a vida com uma das pessoas mais belas que já conheci, a Professora Elo<sup>4</sup>. Trabalhamos em parceria durante o ano todo de 2009 e desenvolvemos nossa pedagogia, nosso método, nossa maneira de nos relacionarmos com as crianças, de escutá-las e de fazê-las nos escutar. Mais uma vez me lembro de Malaguzzi dizendo que “*Uma nova experiência educacional pode emergir das circunstâncias mais inesperadas*” (1999, apud EDWARDS, C., GANDINI, L. e FORMAN, G., p.67)

---

<sup>4</sup> Eloiza Helena Lippaus, nascida no E. S. Filha de pais analfabetos e alfabetizados quando adultos. Pai autodidata e mãe alfabetizada pelas filhas aos 50 anos.

Formada em Pedagogia pela PUC Campinas, com inserção em movimentos sociais junto à formação do MST (Movimento Sem Terra) através do movimento evangélico que, do final da década de 70 e durante a de 80, ficou conhecido como "Teologia da Libertação". No início da década de 80 iniciou a atuação com Educação Infantil em uma creche comunitária na cidade de Hortolândia - SP.

Com a necessidade de entender o(s) processo(s) que ocorre (m) na aprendizagem foi "feita" a Pedagogia. (Anos mais tarde encontrou explicações sobre a "escolha" da profissão no livro "Como nos tornamos professoras", que dada a importância emprestou para uma "perdida" se encontrar e não obteve o retorno do mesmo até o presente momento). Durante o processo de formação acadêmica, atuou em Educação Não-Formal e na Educação Formal e, a partir de 2004, passou a atuar na UNICAMP como Professora de Educação Infanto- Juvenil na DEdIC. Atualmente ocupa o cargo de Coordenadora Pedagógica no PRODECAD - programa que atende a filhos (as) de funcionários e de alunos(as) da Universidade dentro de uma perspectiva não-formal.

## Uma circunstância inesperada....

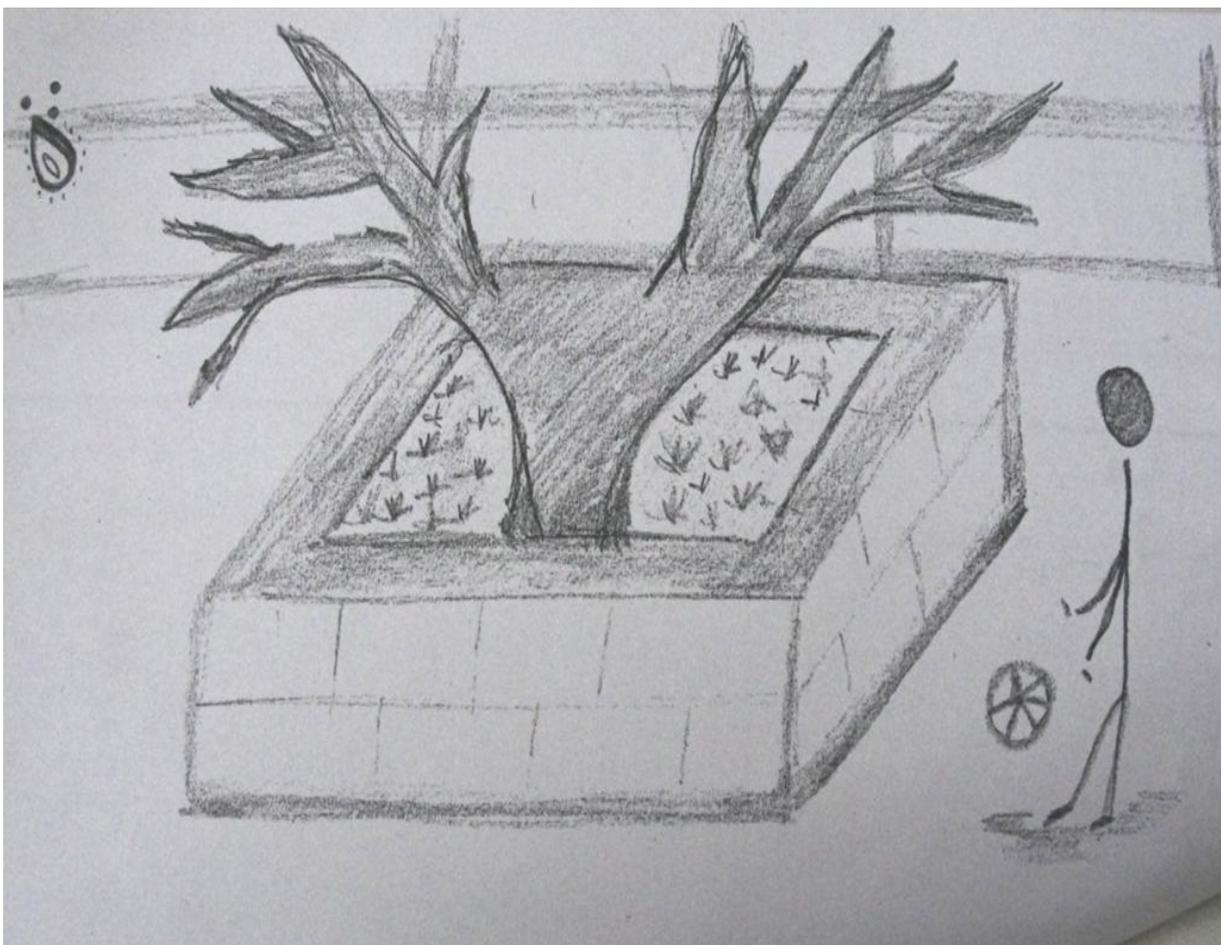


Figura 2 - Quadrado da Árvore do Prodecad (Ilustração: Thaís Tkatchuk)

2º dia proleção.

Sobse, vivendo o cotidiano escolar,  
passo a reviver a minha infância misturando  
ela à minha formação acadêmica e  
prática.

Porque esse lance de autonomia é  
tão forte para mim? Porque é intenso.  
Porque não é tão simples lidar com ela.

Impressionante como as crianças nos  
solicitam e nos tratam como superiores  
à eles o tempo todo. Parece que um tá  
quidado, encaixado. A figura do adulto,  
mesmo no chão, ainda está em cima  
de suas cadeiras. Nada é fácil de  
construir, o que já vem pronto é

muito mais fácil, porém não faz parte de mim.

Fiquei pensando... Será mesmo que posso usar tudo isso para meu Trabalho de conclusão de curso?

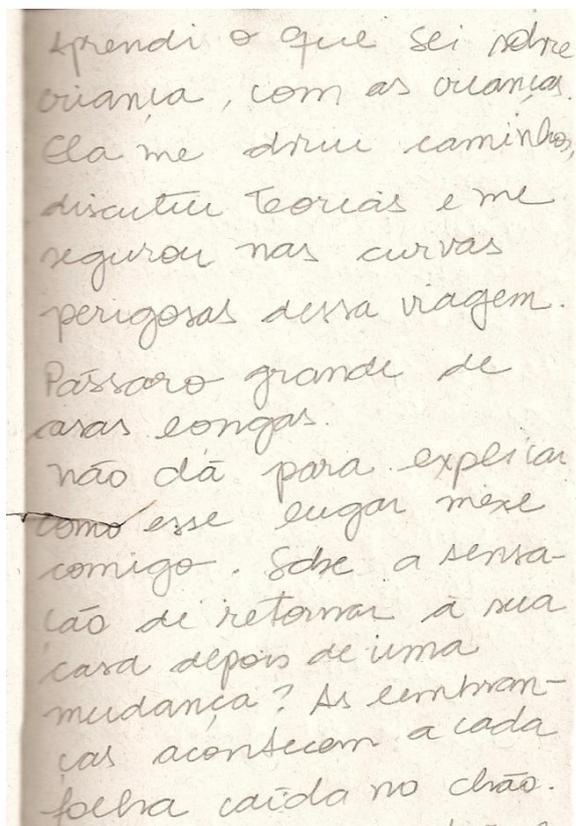
Respondo... Estou eu, aqui no quadrado da árvore, lugar marcante em minha jornada aqui na escola.

Foi aqui, que pela primeira vez, tive contato com a Turma da Elô efetivamente. ERA fim de ano (2008) e no lugar de uma árvore da amizade, onde cada um trazia um objeto para oferecer aos demais colegas.

Do que era a árvore? Um idro de resina, barbaente, um bambolé, e as crianças aprenderam a tecer seu primeiro filtro dos sonhos. Foi aí que tudo recomeçou. A experiência turbulenta ficava para trás e daí surgia uma nova parceria.

Eu, ela e eles, tudo junto numa coisa só. Tudo da mesma altura, do mesmo jeito, o mesmo falar, o mesmo olhar. Aquela turma foi sinônimo de respeito ao próximo.

Claro que muitos conflitos existiram e sempre existirão, e foi desses que pude aprender, que pude relacionar minha teoria com a prática e aprender sobre uma teoria através da prática.



Entendi o que sei sobre  
ouanias, com as ouanias.  
Ela me abriu caminhos,  
discutiu teorias e me  
seguiu nas curvas  
perigosas dessa viagem.  
Passaro grande de  
aras longas.  
Não dá para experian  
como esse lugar me  
comigo. Sabe a sensa  
ção de retornar à sua  
casa depois de uma  
mudança? As lembran  
ças acontecem a cada  
folha caída no chão.

(Texto escrito durante o segundo dia de atividades do Projeto Sementes Crioulas com as crianças do Prodecad)

Realizamos nosso trabalho em 2009 e, no ano seguinte, o programa sofreu algumas modificações institucionais, nós tivemos que mudar de prédio e passamos a receber 32 crianças de 03 a 06 anos em nossa turma. O trabalho foi bem exaustivo, pois, além da quantidade de crianças pequenas, que estavam ainda se adaptando a outro local e a rotina bem diferente da creche, o espaço físico da nossa sala era muito reduzido, mas mesmo assim realizávamos nosso trabalho com o máximo de dedicação possível. Neste ano estava já completamente

adaptada à rotina da Educação Infantil, ainda mais envolvida com o trabalho do que nos anos anteriores.

Com a chegada da Samanta<sup>5</sup> a turma foi dividida por idade. A Eloísa ficou com as crianças de 5 e 6 anos e a Samanta com as criança de 3 e 4 anos. Eu, inicialmente, estava dividida, auxiliando as professoras com as duas turmas, depois recebemos mais uma estagiária e eu acabei trabalhando somente com a Samanta. Este foi outro momento marcante em minha trajetória no Prodecad, pois pude vivenciar outra maneira de atuação com as crianças pequenas. Samanta os deixava mais livres para falar durante a roda, lhes possibilitava mais momentos de escuta, porém nem sempre todos conseguiam tempo para falar, devido à fala longa de algumas. As demais rotinas não foram muito alteradas, com exceção da elaboração de um “Livro da Vida”, onde fazíamos um registro diário após o término da roda inicial de conversa. Pude notar o grande interesse

---

<sup>5</sup> Samanta Romano, 30 anos, nascida em campinas. Graduada em Pedagogia pela Unicamp em 2006, especialista em artes visuais, intermeios e educação pela EXTEMPCAMP/Unicamp. Atuou como educadora na ONG CPTI/Campinas. Foi professora da creche da área da saúde na Unicamp. Atual Professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Campinas e professora de Educação Não-Formal no Prodecad. Considera como referência na faculdade de Educação o Prof. Dr. Sérgio Leite, e tem como grande marca em sua formação foram os momentos vividos fora de sala de aula, porém dentro da universidade.

e as expectativas das crianças no momento do registro, sempre comentando a respeito da transformação de seus desenhos. Tínhamos o costume de ler para eles alguns trechos, e eram nesses momentos que podia notar a importância do processo de resgate das memórias para a construção do novo. De acordo com Warschauer (1993),

“O registro permite que vejamos a historicidade do processo e construção dos conhecimentos, porque ilumina a história vivida e auxilia a criação do novo a partir do velho. Oferece segurança porque relembra as dificuldades anteriores e a sua superação, dando coragem para enfrentar novos desafios e dificuldades, que, como as anteriores, poderão ser superadas.” (p.63)

Minha saída do Prodecad foi uma opção pessoal. Trabalhando durante dois anos e meio na escola, e apenas há um ano e meio para terminar o curso e me formar, senti que precisava vivenciar outras experiências dentro da universidade. Fui então trabalhar como PAD – Programa de Auxílio Docente, juntamente com uma professora, que hoje é minha orientadora - Maria Teresa Eglér Mantoan<sup>6</sup>. Demorei muito para tomar essa decisão e me afastar da escola, porém considerei essencial para minha formação essa nova experiência.

Trabalhei até o fim de 2010 como PAD e, no fim do mesmo ano, a Ana<sup>7</sup> me convidou para participar do “Projeto Sementes Crioulas”<sup>8</sup>, desenvolvendo

---

<sup>6</sup> Minha professora e inspiradora. Pedagoga, mestre e doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. É professora desde 1961, ministrou aulas em todas as etapas do ensino básico e ensino superior, incluindo Educação Especial. Hoje é Professora Assistente Doutor MS-3 da Universidade Estadual de Campinas. Dedicou-se, nas áreas de pesquisa, docência e extensão, ao direito incondicional de todos os alunos à educação escolar de nível básico e superior de ensino. Oficial da Ordem Nacional do Mérito Educacional no Grau de Cavaleiro - Reconhecimento à contribuição à Educação no Brasil.

<sup>7</sup> Ana Carolina Pereira de Castro Ribeiro Bastos ou simplesmente Ana Pereira. Bióloga formada pela Unicamp e Mestranda da Faculdade de Educação/Unicamp, através do grupo de pesquisa OLHO-Laboratório de Estudos Audiovisuais.

Para mim, apenas Ana, mulher sinônimo de força, determinação, coerência e principalmente sensibilidade em seu fazer. Mãe da pequena grande lara Terra, que me possibilitou um reencontro com minha infância, a partir de sua personalidade, visão de mundo e relação com os adultos.

Atuou como facilitadora da troca de sementes crioulas entre pequenos agricultores proprietários de terra na Feira Ecológica na Praça da redenção em Porto Alegre/RS. Pesquisava os usos populares das ervas e árvores medicinais que encontrava na feira, dando preferência às ervas frescas e recolhendo receitas caseiras e estórias de senhores e senhoras acima de 60 anos. Em 2006 e 2007 vivendo no interior do estado do Rio Grande do Sul, teve seu primeiro contato com a cultura Guarani em sua visita à Aldeia Guarani Campo Molhado na cidade de Maquiné. Em 2010 visitou duas vezes a Aldeia Guarani Boa Vista, Prumirim, em Ubatuba/SP com a intenção de iniciar as negociações com as lideranças para a futura troca de vídeo-cartas entre as crianças de/em Campinas e as crianças Guarani. De 2009 até hoje (2011), vem coordenando o

atividades e vivências com crianças do Prodecad. Tendo em vista mais uma oportunidade de formação e vivência dentro da universidade, aceitei o convite e, juntamente com outros integrantes do projeto, começamos a vivenciar momentos proporcionados pela Ana, e aos pouco fomos, e ainda estamos, nos aproximando mais da proposta e do objetivo do projeto que, além de pretender contar as histórias das sementes, árvores, ervas medicinais e contos milenares indígenas para crianças, através de um teatro da memória de bambu e tecido e também através de um vídeo carta, propõe um resgate de nossa memória, história e vivência baseada na utilização de recursos naturais, como fogão à lenha, utilização de chás e ervas medicinais, composteira, horta, secador de frutas, e acima de tudo e mais significativo pra mim, o resgate da vida, da liberdade, da autonomia, o resgate do prazer no trabalho, o resgate de si, de nossa ancestralidade a partir da nossa produção em cores, a partir de nosso fazer. Para registro destas experiências, a Ana propôs a elaboração de um caderno de memórias para o grupo (em todos os encontros, ela nos entrega um pedaço de papel, sensivelmente prepara um ambiente e nos pede para escrever) e outro individual. A proposta foi feita, aceita, e o caderno construído, vivido e muito utilizado.

---

Projeto Sementes Crioulas, desenvolvido semanalmente com crianças de 06 a 09 anos do PRODECAD. Realiza juntamente com estudantes, monitores e educadores, oficinas de criação de brinquedos de papel reciclado, atividades com pintura e argila no espaço que vem sendo criado como cenografia (pátio de compostagem com peneirador e esterilizador de composto, viveiro de plantas alimentícias de ciclo curto, horta circular, forno de barro, fogão à lenha, secador de frutas) para a criação de vídeos-carta, proposta de seu projeto de mestrado.

<sup>8</sup> O trabalho prático do Projeto Sementes Crioulas (Subprojeto “GERMINAR-BROTAR-FRUTIFICAR”, pertencente ao projeto “UNICAMP +Escola Pública = Novos Talentos”, aprovado em Edital nº003/2011 da CAPES – Novos Talentos) vem sendo desenvolvido por um grupo de educadores voluntários e bolsistas da comunidade universitária no Espaço de Vivências Ambientais da Moradia Estudantil da Unicamp desde outubro de 2009. Pretende-se, através de um pequeno Teatro da Memória de bambu e tecido, contar as histórias das sementes, árvores e ervas medicinais para crianças de todos os cantos, aproximando-as dos mitos arcaicos, especialmente a mitologia indígena brasileira, contos milenares, que foram transmitidos de geração a geração, gravados na memória dos que contam e dos que ouvem. Além disso, está em processo de elaboração uma vídeo-carta a ser apresentada à Aldeia Guarani Boa Vista, Prurumirim/SP, com os registros das atividades desenvolvidas e uma construção dessa história falada a partir da captura de imagens que mostram o saber/fazer através das mãos.

Fotos do meu Caderno de Memórias



**Figura 3 - Capa**  
(Foto: Thaís Tkatchuk)



**Figura 4- Contra-cap**  
(Foto: Thaís Tkatchuk)



Figura 5 - Páginas Iniciais (Foto: Thaís Tkatchuk)



Figura 6 - Páginas Iniciais (Foto: Thaís Tkatchuk)

Início o resgate de minhas memórias com um texto escrito, em meu caderno, durante o primeiro dia de visita do projeto Sementes Crioulas ao Prodecad. Chegamos todos na “escola” sem a Ana, conhecemos a professora, nos apresentamos, entendemos a rotina, e depois do lanche, Ana pediu que escrevêssemos algo relatando o que foi entrar no Prodecad aquele dia.

13 visita ao prodecod...

Dor de estômago, tremedeira nas pernas, ansiedade, vontade de chorar, insegurança.

O que seria voltar a um lugar que escolhi deixar para trás?

Se o lugar fosse o mesmo, talvez não são difícil.

Estranho e difícil entender que tudo muda, inclusive eu.

Um desejo continua o mesmo porém aprendi a enxergar o que vinha de outra maneira. Por isso hoje estou aqui. Não foram ao acaso todos os encontros.

Sintoma... Foi isto que ouvi daquela que me ensinou os passos através do caminho.

Incrível como as coisas fluem e funcionam. Basta estarmos prontos para receber o acaso, como se não fosse acaso.

Proibições, funcionamentos, rotinas, tudo é cortado e questionado por aqueles do pé sujo e chivelos de borracha. Banho... Será que eles tomam banho?

Deixa comigo! Eu recebo eles!  
Manda vir! Você é da casa... fica  
a vontade, é contigo.

Ela sabe o que fazer, não se preocu-  
pe.

Não dá para explicar. Estar aqui  
faz lembrar quem aqui cheguei, o  
que aqui vi e como daqui sai  
Pessoas que aqui encontrei, encontros  
que estabeleci, pessoa que me formei.  
Caminhos que senti, tarefas que executei.

Dúvidas a sentir... O que aqui vim  
fazer?

Talvez tentar o que não pude um dia.  
O que desejei e o que ela sentiu ao  
pensar e em saber que eu estava aqui.

Que relação é essa que não sei expli-  
car? Essa mulher que surgiu, esse  
ser humano que sabe o que faz.

Medo! Que a natureza a proteja, porque  
não vai ser fácil.

Que lugar louco esse chamado  
educação. Tem visão demais, ação e  
sentimentos de menos.

Seu pé está para trás? Bota logo  
ele pra frente e dá um sorriso! Irai  
se surpreender?

Aquele que está atrás do muro que-  
ria estar aqui.

Preciso mudar... (de assunto!)

Impressionante como esse negócio  
chamado escola me centra. Tudo  
que parecia perdido, esquecido em  
minhas memórias, vem à tona  
quando entro aqui. Parece que  
minha visão se clareia e eu sei exat-  
amente porque vou, e pq estou no  
caminho todo esse tempo.

Os protagonistas mudaram e tudo  
está como deve: A educação aconte-  
cendo através da descoberta de cada  
um.

RECARREGA! Estar aqui me recarrega ao  
mesmo tempo que me deixa tensa.

Não se pode respirar fora de hora.

Beis de chinelo hoje? Porque está  
sentada aqui? O que estão fazendo? 3

at? As crianças estão na sala. Não  
vão se apresentar? Mas qual é seu  
nome? O que veio fazer aqui?

O que você está fazendo?

O projeto mudou, mas a rotina  
ainda é a mesma.

Ela come antes, cuida depois, per-  
mite quando deseja. Precisa ainda  
melhorar.

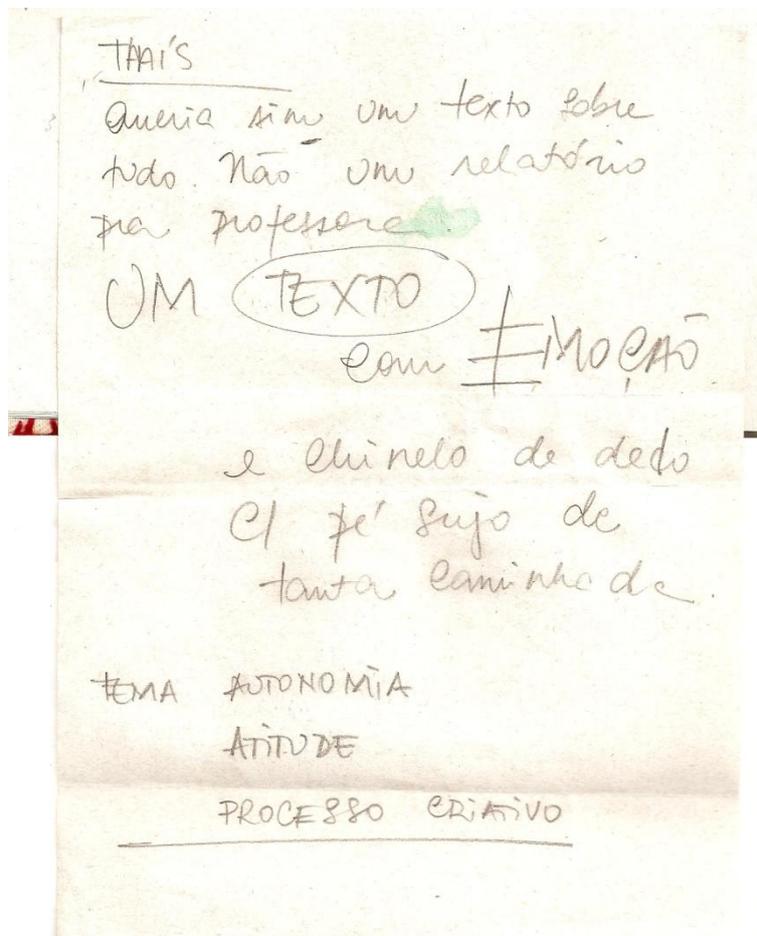
Portas abertas não doem meu coração.  
Cris raízes.

Vejo o que foi de mim e o que  
vivi com eles em cada grão dessa  
areia grossa e vermelha.

Hoje meus pés voltaram a ficar brancos  
depois do banho.

Comentários  
da Ana...

(4)



Foi a partir desse texto, do comentário da Ana e da leitura do texto de Suely Rolnik “*Pensamento, corpo e devir: Uma Perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico*”<sup>9</sup>, também indicado pela Ana, que pude perceber o caminho que deveria seguir em meu trabalho final de conclusão de curso.

Suely Rolnik trata em seu texto sobre a construção de memoriais, onde escrevemos nossas memórias acerca de nossa trajetória acadêmica, as quais podemos chamar de marcas. “(...) me vi adentrando numa outra espécie de memória, uma memória do invisível feita não de fatos mas de algo que acabei chamando de “marcas”. (...) minha história foi se fazendo através de minhas marcas.” (ROLNIK, 1993)

---

<sup>9</sup> Palestra proferida no concurso para cargo de Professor Titular da PUC/SP, realizado em 23/06/1993, publicada no Cadernos de Subjetividade, v.1 n.2: 241 – 251. Núcleo de Estudos e pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduandos de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993.

Tais marcas são entendidas por Rolnik como “*estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo*”, ou seja, entende-se como marcas tudo aquilo que nossa mente e nosso corpo significou a partir de nossas vivências. Além disso, enxergam-se essas marcas como abertura, possibilidades para a criação de um pensamento novo. Assim, as marcas resgatadas são meios de reflexão sobre o que foi vivido, o que se conquistou e o que se pode vir a ser.

Para além, a marca uma vez considerada, continua a existir como uma *exigência de criação* que pode ser trazida à tona em qualquer momento, ou seja, a marca carrega consigo um *potencial de proliferação* de marcas. Estar em um lugar que deixou tantas marcas vivendo outro tempo e outro contexto, faz com que eu ressignifique esta experiência e consiga enxergar a partir de outro ponto de vista tudo o que vivi, o que pensei um dia, o que penso hoje, e de que maneira posso atuar no momento. Toda essa vivência e ressignificação deixará em mim marcas que poderão ser reativadas, neste ou em outro momento, como possibilidades de criação.

“Cada marca tem a potencialidade de voltar a reverberar quando atrai e é atraída por ambientes onde encontra ressonância (...) E assim vamos nos criando, engendrados por pontos de vista que não são nossos enquanto sujeitos, mas das marcas, daquilo em nós que se produz nas incessantes conexões que vamos fazendo.”  
(ROLNIK, 1993)

12/04/11

## Um lance Cósmico.

Tudo acontecia na vida da menina sem que ela esperasse. O desejo habitava nela, mas as coisas precisavam acontecer. Ela sabia que as energias se incavregariam de aproximar seus desejos da realidade.

Alguns encontros, um olhar de cumplicidade e lá estava ela. Seus planos se encontrando com seus desejos e com o fazer.

Ela se descobria mais a cada dia. Desejava ser livre! Livre em fazer, mas principalmente livre no pensar. Ela não suportava ser reprimida por seus próprios pensamentos.

Ela queria pular, delirar, queria se deliciar na sua imaginação, na sua projeção. Aos poucos ela ia libertando seu corpo e com ele seus sentimentos.

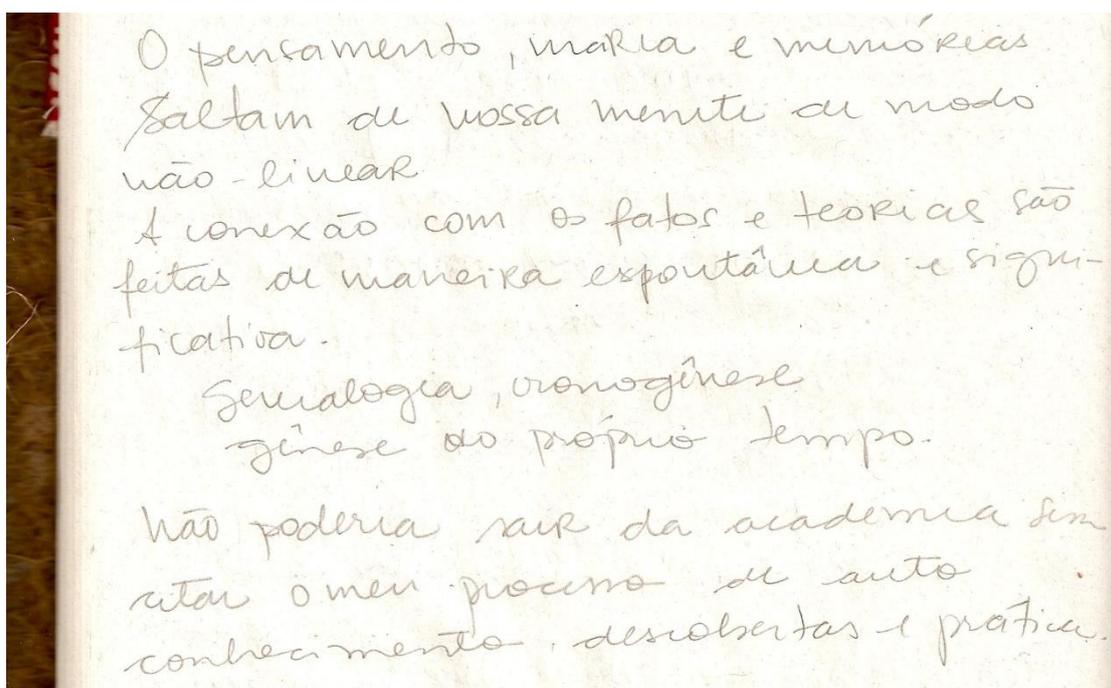
Estava se descobrindo e se encontrando.

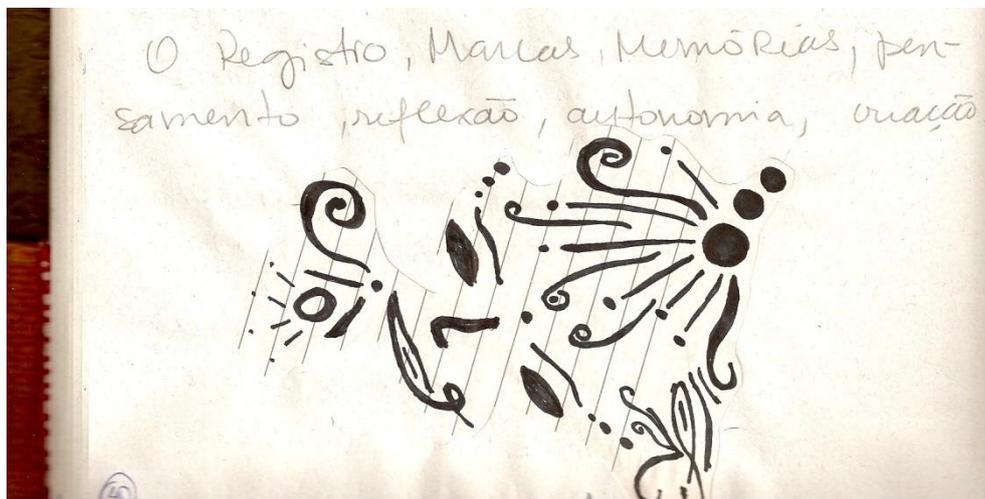
Ainda me lembrando de Suley Rolnik, estar livre no fazer e principalmente no pensar, são lembranças das marcas deixadas pela não liberdade no fazer e também no pensar. Quando se está dentro de um contexto escolar apenas como estagiária, a liberdade no fazer e no pensar é muito pequena. Apesar de estar sob o respaldo da professora Eloísa, não se podia fugir muito das regras da escola e, por muitos momentos, senti meus pensamentos reprimidos ou contaminados por meus companheiros de trabalho. Depois de

algum tempo na escola, comecei a considerar normais algumas situações que antes eram recriminadas por mim.

Escrever sobre meus próprios pensamentos é desafiador, porém muito confortável, visto que trabalho e penso a partir de minhas próprias marcas e não a partir de outro pensamento ou marca. Preciso encontrar dentro dos meus próprios pensamentos aquilo que considero significativo para minha formação e criação de um novo sujeito em mim.

“Assim, neste tipo de trabalho com o pensamento o que vem primeiro é a capacidade de se deixar violentar pelas marcas, o que nada tem a ver com subjetivo ou individual, pois ao contrário, as marcas são os estados vividos em nosso corpo no encontro com outros corpos, a diferença nos arranca de nós mesmo e nos torna outro.” (ROLNIK, 1993)





Dentro da academia sempre me vi condicionada a me perder de minhas marcas, sendo forçada apenas a exercitar a articulação dos pensamentos lógicos, porém neste momento posso sentir e considerar o quão enriquecedor e confortável é produzir um texto a partir das marcas deixadas em mim através de minhas vivências. Rolnik, na palestra a que ora nos referimos comenta justamente a respeito disso, dizendo que quando se escreve perdendo-se das marcas, apenas com um pensamento lógico, o texto fica sem vida, sem brilho, ou que apenas possuem um brilho meramente *intelectual, de inteligência e/ou de erudição*, e que quanto mais possui somente este brilho, pior é, pois estamos fugindo da vida e do esforço da criação. Assim, ela diz que:

“Em minha experiência, é na escrita que o pensamento rende mais o que pode: a escrita convoca o trabalho do pensamento, e lhe traz maior acuidade e consistência.” (ROLNIK, 1993)

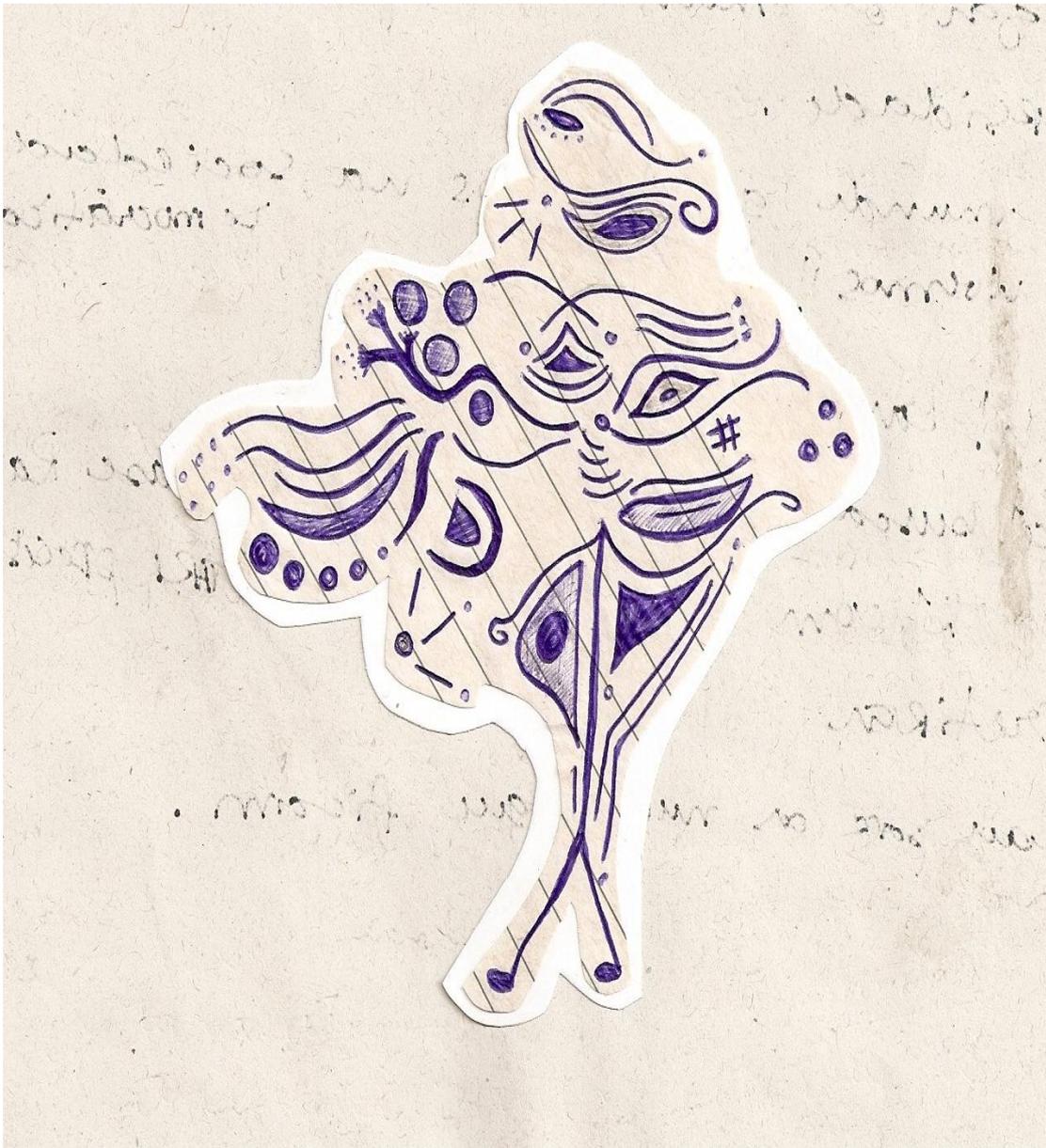


Figura 7 - O pensamento (Ilustração: Thaís Tkatchuk)

Vivendo, significando, escrevendo, observando, pensando e descobrindo...

1. Duas apresentações  
antes do projeto na  
Unicamp

O caderno e a lapizeira pare-  
ce que se tornaram parte de  
mim. Parece que a todo mo-  
mento preciso escrever o que penso.

Essa tal de vilo Páris é mesmo o  
coração desse lugar chamado Universidade  
Estadual de Campinas, não por possuir um  
prédio onde quase todos os cursos trabalham,  
mas sim por ser a ligação entre todas as  
artérias chamadas ruas. Você está a pé?  
Provavelmente cortará caminho por aqui.

Esse Pau Ferro é só ele mesmo aqui. Esse  
canto é impressionante.

Uma Índia, uma merina, uma mulher,  
um homem, um sangue, algumas emoções.  
Sem eu nada aconteceu, quis nos mostrar  
isso? Será mesmo? Talvez não estivesse a fim  
hoje.

Deveria estar resolvendo inúmeras coisas que  
estão na minha lista, mas que bom que  
tudo aconteceu hoje, muitas palavras saíram  
de mim.

Muitas cores, muitas energias, diversos destinos,  
muitos objetivos.

Muitos desencontros, as energias parecem  
repelir, mas a questão é que só estão se en-  
contrando em momentos exatos.

(32)



Figura 8 - Sementes Crioulas no Ciclo Básico (Ilustração: Thaís Tkatchuk)

O Pau Ferro estava sendo visitado pela terceira vez de fato, e a cada visita podia vê-lo de uma maneira mais intensa. Ana o escolheu e não foi à toa.

Bem, Pau Ferro é a árvore escolhida pela Ana para a apresentação do projeto Sementes Crioulas no ciclo básico. Ela fica, ou ficava (devido à reforma iniciada no ciclo básico, não sei qual será o destino dela) bem ao lado da fonte do ciclo básico, no coração da Unicamp, em um lugar de grande circulação. Além disso, não consigo explicitar em palavras a sensação que pude sentir ao tocá-la.

O circo de tecido, cordas e bambu ficaria ao redor do Pau Ferro, mas isto não foi possível devido à altura dos galhos que impossibilitaram a montagem do circo. Os meninos persistiram na tentativa de armá-lo, no entanto realmente não fluiu, então caminhamos alguns metros e encontramos uma árvore ao lado, dessa vez, no gramado, em um lugar mais tranquilo. Nesse dia, novas pessoas arriscaram a projeção do circo no lugar de quem o costumava fazer, e novas formas apareceram. O espaço e autonomia foram dados aos aprendizes e o novo saber surgiu.



Figura 9 – A-corda para o circo (Foto: Thaís Tkatchuk)

Enquanto alguns projetavam o circo, outros, ou melhor, outras, se encontravam na criação de novos personagens, de novas técnicas, de novos fazeres.



Figura 10 – Da semente, do papel até o fantoche (Foto: Thaís Tkatchuk)



Figura 11 – Da criação para a imaginação (Foto: Christiane Silvério Frazatto)

Eu apenas observava, escrevia e pensava... Pensava muito em tudo que via, que vivia, em tudo que o projeto me possibilitava viver, refletir, fazer. Pensava em minha trajetória até ali, nos caminhos escolhidos, nos caminhos obrigados a serem escolhidos, as ações, o desejo, o prazer, a paz, a tranquilidade. Pensava, pensava e pensava. Olhava para o trabalho do grupo, olhava para o grupo, olhava para mim.

Tantas vidas e objetivos diferentes, porém todos estavam juntos pelo mesmo desejo. A pluralidade de ideias e jeitos dava a cara e movimento ao projeto, enfim estava nascendo um novo grupo.

## As vivências e a constituição de um grupo...

Para ser um grupo, precisa-se viver um grupo nas pequenas coisas, na coxinha na boca, no suor descoberto naquele sem gosto.

Sou carne, sou ovo, sou gente. Vamos trocar figurinhas!

Que as urianas, dançam livres pelos muros. A pequena que botou e nos iluminou, trouxe o canto.

Os seis úteros juntos, alinhando seus ciclos menstruais, trocando sem palavras as angústias, desejos. Botando para fora o que se sente, o que se pode, o que se quer.

Sembrem que ela é gente, e é de carne e ovo! Não se esqueçam!

Sua pele também não tem cor. Ela põe para fora no tom quem é. Talvez não tenha descoberto o que há dentro de si. A voz doce apenas atrai aquelas. Aquelas outras não os passageiros desse trem.

A história sendo trocada através da música, o sentimento e as marcas transcritas.

Recuperando o que se é através do som. Tem que conhecer, é a história da música.

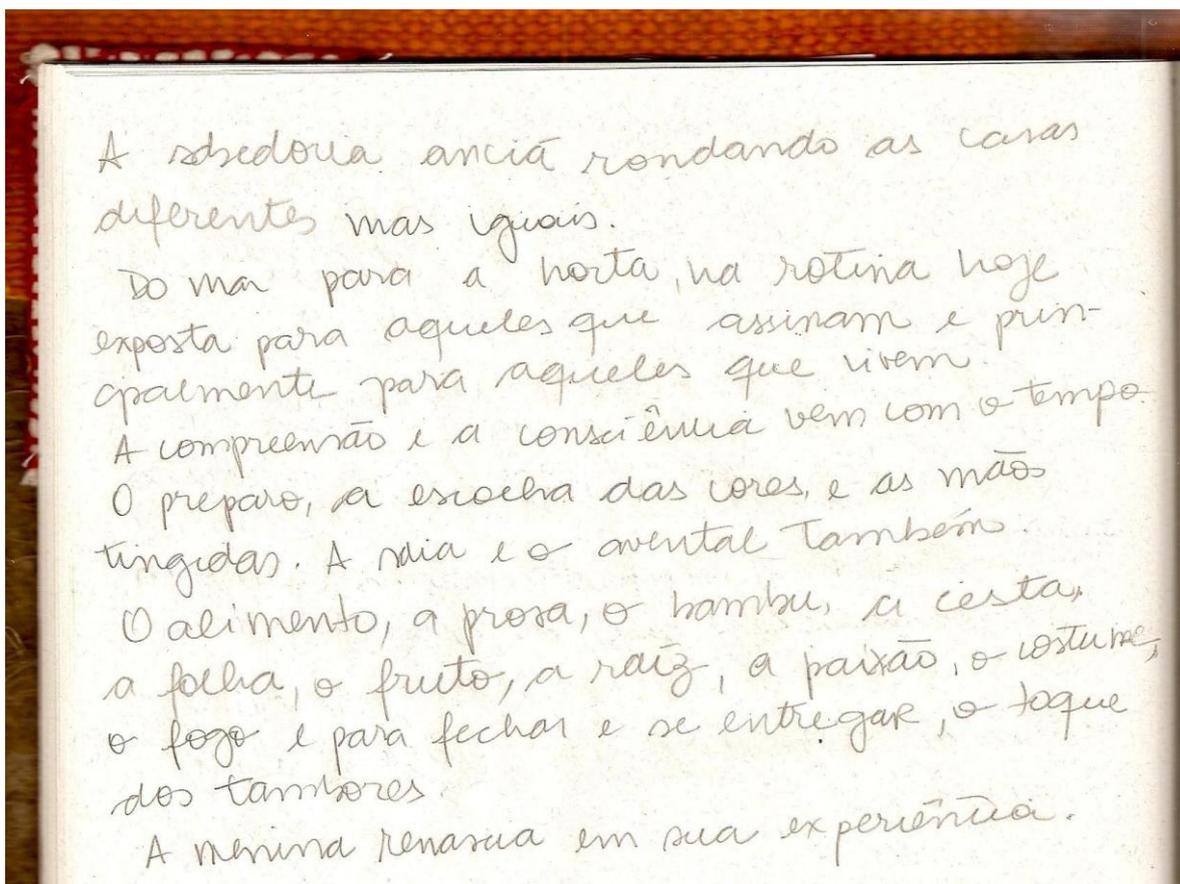
37

Sem dúvida, para ser um grupo, precisa-se viver um grupo nas pequenas coisas. Após um dia de trabalho do Sementes Crioulas, nós continuamos juntas, preparamos um jantar, compartilhamos receitas, manias, temperos, sabores, amores e histórias. Os homens apareceram para comer, mas aquela noite era das

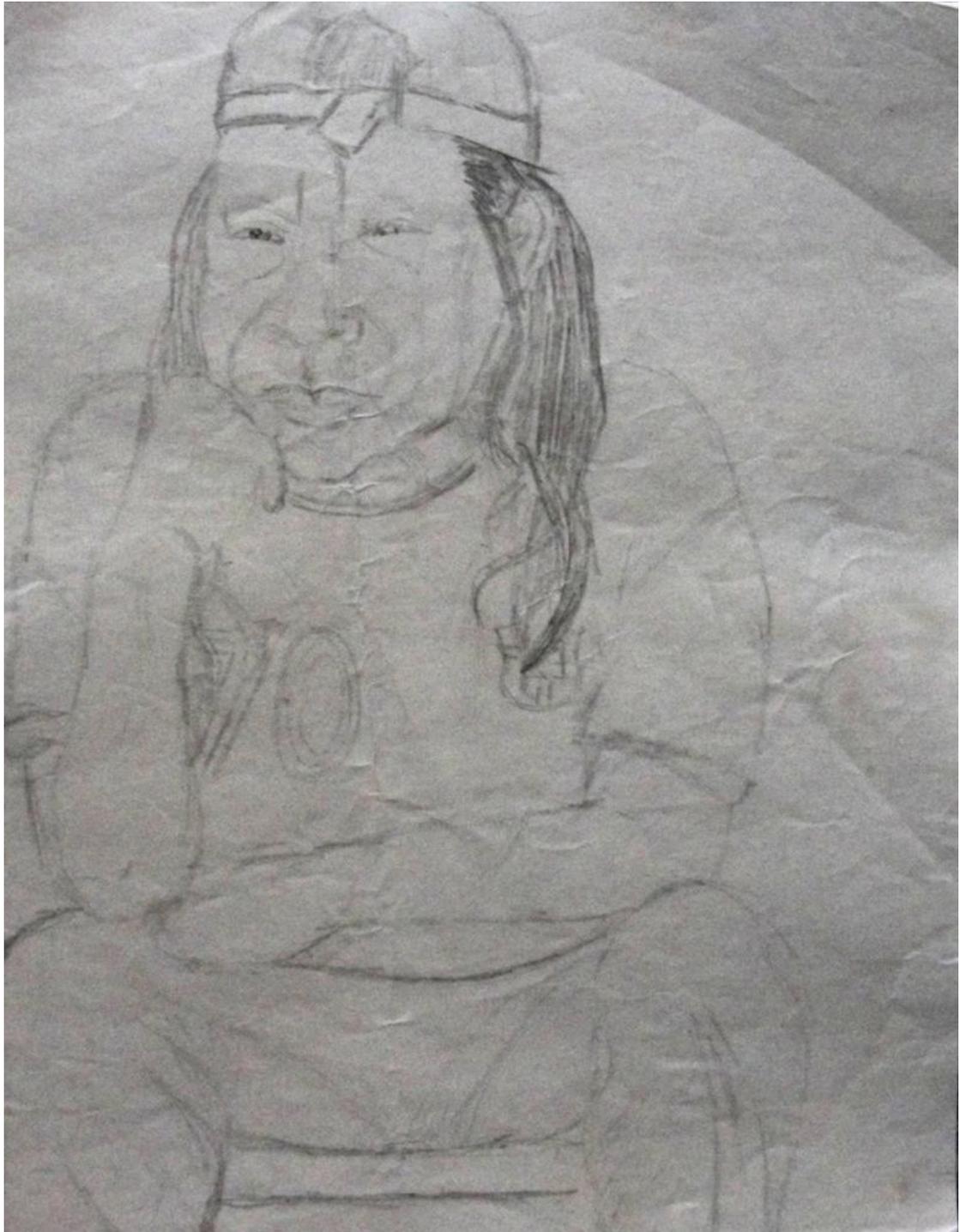
mulheres. Precisávamos nos constituir enquanto grupo, principalmente porque até o momento somente nós, mulheres, estávamos mais em contato com os trabalhos direcionados às crianças, enquanto os homens estavam mais envolvidos com as questões estruturais e de registro do trabalho pelo vídeo. Naquela noite cantamos, rimos, nos emocionamos e nos encontramos em nosso fazer. Naquele dia, o grupo se fortalecia, vivia algo além do trabalho, sentia e experimentava o inesperado.

Viver de fato um grupo é justamente isso. É estar com o grupo para além, se conhecendo na intimidade e na partilha. Um grupo só pode “dar conta” do trabalho de fato quando se reconhece realmente como grupo, quando desenvolve a cumplicidade, a confiança e o carinho por sua companheira/companheiro. Quando isso acontece todos percebem, inclusive as crianças, e aí tudo acontece. A comunicação se estabelece de outra maneira - a partir de um olhar, um gesto ou uma ação. É nesse momento que as crianças entendem o porquê estamos ali, o que acreditamos na educação, e sem dúvida podem perceber o prazer e satisfação que sentimos ao estarmos juntos.

O grupo vai se constituindo, visitas à moradia, e a presença dos Guaranis traz a outra cultura e a reflexão do nosso fazer diário...



Um longo dia... Na noite anterior, após convite, recebemos a visita de alguns homens guaranis, que ficaram hospedados em uma das casas da moradia. Naquele dia acompanharam nosso trabalho durante todo o tempo.



**Figura 12 - Sr.Venâncio (Ilustração: Marina Seneda)**

Pela manhã, recebemos as crianças do Pró-Menor<sup>10</sup>, fizemos tintas com pigmentos naturais, pintamos em tecido, modelamos argila, desenhamos com giz

---

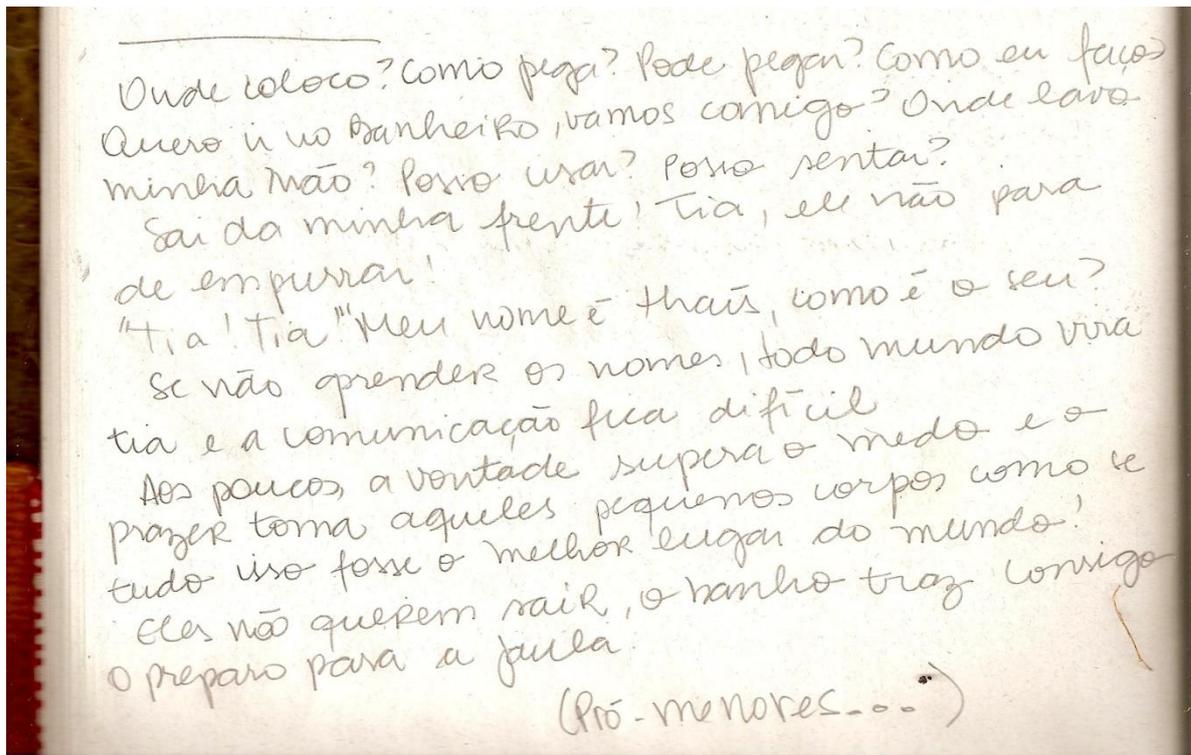
<sup>10</sup> A sociedade Pró-Menor Barão Geraldo, é uma instituição filantrópica, que atende crianças e adolescentes em período extra escolar. (Fonte: <http://promenor.hdl.com.br/> - acesso em 6/nov/2011 às 17h37min). O grupo do Pró-Menor era recebido pelo grupo de educadores do Sementes Crioulas desde do ano de 2009, às quintas-feiras à tarde. Eu nunca havia acompanhado este grupo pela indisponibilidade de horário. Apenas estava em contato com as crianças do Prodecad, porém este dia foi atípico e recebemos um grupo pela manhã.

de cera, comemos torradas e amendoins junto às crianças. Aquela manhã passou muito depressa e em meio aos trabalhos desenvolvidos com as crianças, podia notar o Sr. Venâncio (Pajé) observando a maneira como nós educadores nos relacionávamos, e também a maneira que as crianças encaravam as atividades e nosso modo de interagir com elas. As crianças saíram com pressa, pois precisavam chegar de volta ao Pró-Menor, tomar banho e ir à escola no período da tarde.



**Figura 13 – Argila (Foto: Thaís Tkatchuk)**

## Impressões e Registro do encontro com as crianças do Pró-menor...



As crianças do Pró-menor se foram, almoçamos juntos, e à tarde recebemos as crianças do Prodecad. As atividades planejadas eram as mesmas realizadas pela manhã, porém o contato das crianças do Prodecad com os pigmentos naturais, já havia acontecido em outro momento durante uma das visitas à “escola”. Juntamente com a visita das crianças, dos guaranis e de alguns moradores da moradia, recebemos, também, alguns professores e responsáveis burocráticos da Unicamp pelo projeto, além do professor orientador da Ana, e o Sr. Agostinho<sup>11</sup>, que passou o dia confeccionando cestas de bambu. Muitas expectativas e energias circulavam pelo espaço ao redor da horta naquele dia e a reflexão do nosso fazer diário ia acontecendo a partir do olhar e da observação de outros, principalmente dos guaranis.

Para encerrar o dia, nos encontramos em volta da fogueira, conversamos, tocamos e cantamos juntos. Passei o dia todo vivendo o que descrevi, mas

---

<sup>11</sup> Assina Agostinho Perrussi, nativo de Campinas. Sempre trabalhou na terra, em fazendas de proprietários da região, prestando serviços desde cultivo, trato com as criações de animais, plantio, etc. Conhece diversas formas de artesanato, com bambu, couro, cordas, técnica que possibilitou o comércio destes trabalhos por um tempo. Com as economias de anos, comprou o terreno em que vive hoje com sua esposa. Atualmente ele cultiva um bananal, possui cerca de 800 berços de mudas iniciais, perto de sua casa, e diversas outras árvores frutíferas. É um autêntico poeta/artista popular, possui inúmeras composições de poesias e músicas. É cozinheiro de mão-cheia, muito caprichoso com os alimentos desde o plantio, passando pelo cultivo até chegar à cozinha.

mesmo estando muito feliz e grata e, considerando aquele dia fundamental para nossos próximos contatos, não estava completamente entregue à presença dos guaranis. Talvez estivesse receosa com minhas ações, com o choque cultural que poderia causar e com medo de que não se sentissem à vontade. Escolhi meu tambor, o toque, o som, a vibração, a energia, a história, a vivência da cultura popular. Toquei, me entreguei e fui acompanhada pelo grupo, pelos amigos, e principalmente pela força da dança da Ana - ela marcava na terra com seus pés cada toque em meu tambor, o laço se fortalecia e o agradecimento à nova cultura e, principalmente, à sabedoria anciã - que nos observou durante todo dia, acontecia.

### **Os tambores...**

Minha vivência dentro do universo dos ritmos da cultura popular foi outra marca em minha formação. O primeiro contato que tive com a percussão e com a cultura popular foi durante um curso<sup>12</sup> oferecido gratuitamente pelo governo do Estado de São Paulo para um grupo de interessados. Encontramos durante 4 meses e pudemos vivenciar a música, a dança, a história e o contexto social de algumas manifestações populares escolhidas pela Mestre da Cultura Popular, Martinha<sup>13</sup>.

Tudo o que conheci, aprendi e as pessoas com as quais me relacionei durante o curso, enfim, o que lá vivi, fizeram muito sentido para mim, principalmente pela metodologia da cultura popular – se é que podemos chamar de metodologia, algo tão espontâneo. Na Cultura Popular o aprendizado acontece através da oralidade, onde a tradição é passada de pai para filho, onde mestre e aluno acabam se tornando um só na experiência vivida.

---

<sup>12</sup> Curso de “Percussão e Cultura Popular para Educadores” oferecido durante a programação das Oficinas Hilda Hilst, ministrado pela Mestre da Cultura Popular Marta Jardim durante o ano de 2009. Propõe a vivência e difusão da cultura popular brasileira - com ênfase na sua musicalidade - como importante ferramenta pedagógica para educadores. Para tanto, além dos aspectos percussivos, também serão vivenciadas dinâmicas rítmico-corporais, aprendizagem dos cânticos e das danças associadas aos ritmos trabalhados e da historicidade de diversas manifestações culturais.

<sup>13</sup> Marta Jardim - Arte educadora e musicista que tem se dedicado ao estudo da percussão e da difusão da cultura popular junto a educadores.

Alguns meses depois que se encerraram as atividades do curso, assisti à uma apresentação do bloco carnavalesco “As Caixeiras”<sup>14</sup> no carnaval de Barão Geraldo em março de 2010.

“Um grupo formado, em sua maioria, por mulheres de saia e blusas brancas, todas de chapéu de palha, cintos de fita e chita, enfeites de flores, bonecos gigantes, e um perfume de ervas maravilhoso. Crianças, jovens e velhos, muitos fantasiados, curtindo, dançando, cantando e os tambores ecoando e me chamando para compor aquele cenário...”.

(Minha primeira impressão de “As Caixeiras”)

Uma grande amiga estava tocando, me chamou para perto, me entregou um tambor e a sensação que percorreu o meu corpo quando comecei a “batucar” não consigo descrever em palavras. Foi sensacional participar, mesmo que minimamente, daquele momento, pois a alegria estava no ar.

Me interessei em participar do grupo, e foi essa amiga, Karina<sup>15</sup>, quem marcou um encontro e me apresentou à mestre do grupo, Cris Bueno<sup>16</sup>. A Cris foi logo me colocando em contato com os instrumentos e me inserindo no contexto das manifestações populares integralmente, através das histórias, cantos, danças e toques.

---

<sup>14</sup> “As Caixeiras” é um bloco carnavalesco de rua de Barão Geraldo criado por Cris Bueno e Inês Viana junto aos grupos Cia LápisLazuli e Caixeiras da Guia em 2006, que depois, juntamente com as Caixeiras das Nascentes e demais interessados, foi crescendo e se tornando tradição no carnaval de barão. O objetivo do bloco é proporcionar, principalmente às crianças, um espaço no carnaval. Existem as alas, fantasias, bonecos, marchinhas e hinos. Os ensaios que antecedem o carnaval são abertos e gratuitos para pessoas interessadas em participar do bloco.

<sup>15</sup> Ana Karina dos Reis Fagundes, Campineira, filha de pedagoga e engenheiro, ambos formados pela Unicamp, o que possibilitou que morasse durante alguns anos de sua infância na Moradia Estudantil da Unicamp, lugar de onde tira grandes lembranças. Estudante de Filosofia pela Unicamp, é professora de inglês e componente dos grupos populares Caixeiras das Nascentes e Maracatucá.

<sup>16</sup> Maria Cristina Bueno, coordenadora do grupo Caixeiras das Nascentes, declara-se apaixonada pela Cultura Maranhense. É percussionista e atriz formada pela primeira turma de Artes Cênicas da Unicamp(1991), Pós Graduada em "Capacitação Docente em Música Popular Brasileira" pela Anhembimorumbi/SP(2008) e Arte Educadora desde 1986 trabalhando em ONGs. É pesquisadora, ministra aulas e divulga ritmos das Manifestações Populares Brasileira desde 1993. Foi coordenadora dos grupo "Caixeiras da Guia", colaborou com a fundação e é orientadora do grupo Tamboriflor de São João da Boa Vista, além de coordenadora do bloco carnavalesco “ As Caixeiras”, em Campinas. Ministra cursos de Ritmos da Cultura Popular Brasileira em Sosas e Confeção da Caixa do Divino, presta serviços à Prefeituras e Centros Culturais do Estado de São Paulo e dirige a Cia Lapislázuli.

Em abril de 2010 entrei para as Caixeiras das Nascentes, grupo o qual a Cris coordenava e ainda coordena. O trabalho desenvolvido pelas caixeiras surgiu a partir da pesquisa da Cris em torno das Manifestações Populares Brasileiras desde 1993, iniciada com o mestre maranhense Tião Carvalho no grupo Saia Rodada de Campinas/SP. Em 1995, Cris conheceu as Caixeiras de Alcântara (MA), Raimunda e Marlene e com elas a Festa do Divino.



Figura 14 - A energização dos Tambores (Foto: Acervo Caixeiras das Nascentes)

O grupo Caixeiras das Nascentes busca fazer uma releitura das Manifestações Populares através da memória das integrantes, da prática, aperfeiçoamento e difusão da arte das Caixas do Divino - tambor pequeno originário da Festa do Divino do Maranhão, assim como pesquisas de cantos e toques do Sagrado Feminino (Festa do Divino, Folia de Reis, Congadas, Umbanda, Candomblé, Ladainhas, entre outros), além de propiciar espaços para a vivência coletiva e as trocas de saberes. São realizados encontros semanais para experienciar os toques, as danças e músicas, além de apresentações em festas populares, espetáculos, rituais e a confecção dos próprios instrumentos.<sup>17</sup>

Minha participação no grupo foi fundamental para minha formação, de modo que pude conhecer mais o universo da cultura popular, além de conviver

---

<sup>17</sup> Caixeiras das Nascentes: <http://caixeirasdasnascentes.blogspot.com>

com pessoas de diferentes realidades, sendo que a maioria está fora do contexto acadêmico. Foi a partir dessa experiência nas Caixeiras que fui me sentindo mais confiante e a vontade de explorar os instrumentos percussivos foi sempre guiada e estimulada pela Cris. Passei a levar os instrumentos para o Prodecad e experimentar novas intervenções com as crianças<sup>18</sup>, e os resultados foram os melhores possíveis. A criança é livre de pudores e, sem medo, explora de maneira completa os instrumentos – bate com a



Figura 15 – Estandarte (Foto: Acervo Caixeiras das Nascentes)

mão, chacoalha, bate no chão, na parede, na cabeça do colega, coloca a boca, sente o cheiro, repara em cada detalhe de sua confecção e se interessa pelos materiais utilizados. Muito pudemos explorar a partir da presença dos instrumentos dentro da sala de aula.

Além da Caixa do Divino, me interessei muito pelo pandeiro e comecei a explorá-lo mais, e me sentindo mais íntima, passei a frequentar as rodas de samba semanais que acontecem na Unicamp. O modelo de organização da roda me fascinou, pois lá, todos podem cantar, dançar e tocar quando sentirem vontade. Os instrumentos ficam disponíveis no meio da roda, e tudo acontece de forma orgânica, e as músicas vão sendo cantadas, aprendidas e ensinadas através do próprio cantar, ou seja, da prática. Foi através da prática, da liberdade em tentar e em errar, que me aproximei da música, em especial, dos instrumentos percussivos. Além da grande diversão e satisfação que é dominar um instrumento, pude também, estabelecer novas e importantes relações de amizade naquele meio, as quais contribuíram de maneira significativa para minha formação.

Acredito muito no valor dado aos princípios do aprendizado oral e orgânico da cultura popular, pois a experimentação, o desafio, e a história de

---

<sup>18</sup> Neste momento, ainda trabalhava como estagiária na Educação Infantil.

nossa cultura contida em cada detalhe e momento, acaba ampliando nossos canais de comunicação e nosso conhecimento de mundo.



Figura 16 - A Horta (Ilustração: Thaís Tkatchuk)

Após a visita das crianças à moradia, e ao final dos trabalhos realizados pelo grupo do Projeto Sementes Crioulas no primeiro semestre deste ano, fizemos uma roda de conversa com as crianças do Prodecad, a fim de descobrir ou detectar as impressões de cada um e do grupo em relação a tudo que havia sido experimentado e vivido naquele período.

(Roda conversa - Dodecad)

Não sei o que acontece, mas o ali-  
mento está na escola. A roda, a fa-  
la, a resposta está no coletivo  
infantil o qual o adulto se insere.  
Não se sabe o que eles tem significa-  
do a respeito dos trabalhos que fizemos  
com eles.  
Falar, ouvir, questionar, intrigar, possibi-  
litar a construção e expressão de ideias.  
Resgatar o que viveram, mostrar o que  
fizeram.  
Visualizar o espaço que eles emergiram.

Neste dia, ao meu ver, a roda não foi muito harmônica. As crianças conseguiram se expressar, entretanto nós educadores não estávamos em perfeita sintonia, já que não planejamos exatamente o que íamos discutir e fazer. A proposta de conversa sobre o que vivemos e o registro disso depois, não foram muito direcionados, mas ainda assim apareceram as respostas e resultados. Muitas palavras e desenhos surgiram, mas acredito que, com um melhor planejamento e organização de ideias, a roda de conversa teria sido mais rica, como ressalta Paulo Freire, lembrado por Cecília Warschauer:

“O diálogo não é uma situação na qual podemos fazer tudo o que queremos. Isto é, ele tem limites e contradições que condicionam o que podemos fazer... para alcançar os objetivos da transformação, o diálogo implica em responsabilidade, direcionamento, determinação, disciplina, objetivos”. (FREIRE, Paulo e SHOR, Ira, op. Cit, p.127 apud WARSCHAUER, Cecília, 1993, p.54)

Nem ao menos durante a roda conseguimos identificar quais eram nossos objetivos reais, ou seja, se queríamos provocar nas crianças um resgate da memória vivida, se queríamos estimular a fala e a escrita, se fortaleceríamos a

relação do coletivo infantil, se buscávamos resultados concretos de nossas atividades, ou se simplesmente queríamos saber as impressões das crianças em torno do que estava sendo oferecido ali. Faltou planejamento, tato, mas o bom é que existe o registro deste momento. Posso parar, pensar, refletir, avaliar a situação, e pensar em novas formas de atuação e organização para um próximo momento.

Acredito no planejamento das atividades com as crianças, mas neste contexto do projeto, buscamos provocar através de nossas atividades, algumas sensações e reflexões delas em torno do que estão vivendo. Neste caso, considero este registro fundamental, e novamente volto a citar Cecília Warschauer:

“(...) o registro ajuda a guardar na memória fatos, acontecimentos ou reflexões, mas também possibilita a consulta quando nos esquecemos. Este ‘ter presente’ o já conhecido é de especial importância na transformação do agir, pois oferece o conhecimento de situações arquivadas na memória, capacitando o sujeito a uma resposta mais profunda, mais integradora e mais amadurecida, porque menos ingênua e mais experiente, de quem já aprendeu com a experiência. Refletir sobre o passado (sobre o presente) é avaliar as próprias ações, o que auxilia na construção do novo. E o novo é a indicação do futuro. É o planejamento.” ( WARSCHAUER, 1993, pp. 62-63)

Depois das férias a primeira vídeo-carta chega ao Prodecad. Assisto, depois de todo o grupo de educadores, pela primeira vez, junto às crianças. A atividade dessa vez seria apenas o registro, em papel sulfite e grafite, de nossas impressões após a exibição do vídeo...



Por dentro do tomate

O tomate é assim por dentro

Credo!

Credo nada

Isso é mandioca?

Mandioca é grande e comprido.

Tá errado.

Que uop

Uop não, é terra.

É de comer, experimenta cozinhar

O que é isso? Um coração?

Não, é um pulmão! Só se for de fumante!

É hula ou!!!

Isso aí é um chifre de boi cheio de urso.

Isso é tomate?

É! E eu é amarelo

Olha só a semente dele aí.

## Vivenciando a moradia...

Assinbléias... O Dia da fátia no  
Moradia... Bandex... mto  
frío

Organizações desorganizadas e delibe-  
rações burocratizadas.

Quem rege, você? Tem forças para  
combater? Quantas falas você consegue  
ter?

Faz um grupo e vai trabalhar! O que  
você tem feito em ações para este  
espaço?

EFETIVO eu digo, e tu simplesmente  
deixado

O seu grupo faz um trabalho? Para  
quem? Faça uma questão, gere uma  
discussão, transforme numa ação.

Ela só aceitou quando viu novo  
trabalho. Cada mão marcada de  
terra foi sentida por ela e respeitada  
naquele momento

Vamos fazer uma parceria? Pode ser... mas  
lhe digo como é.

É ABERTO, mas somente para observar...  
Vamos romper com essa burocracia? Nem  
os cachorros mais estão aguentando.

Eu fo de boa também... Formalidades  
(10) somente reafirmam a negação.

Você sabe, realmente, o que está falando? Assim... nada de colocar em pauta. Tá, pode, mas reflita antes. AUTORITARISMO... estamos submetidos do que está falando?

É REAL ou FANTASIA? Se ainda vocês saíram? Falta estrutura...

Qual sapato você usa? Hum temos forças, faremos nosso próprio Dossiê. Que tal um PORTIFÓLIO?

Arra sua mão e segure esta CAUSA! Você assinou? Ainda não... Não costumo me submeter a isso.

O Som Rola lá fora, ou lá dentro, lá longe de dentro pra fora. É assim que se faz!

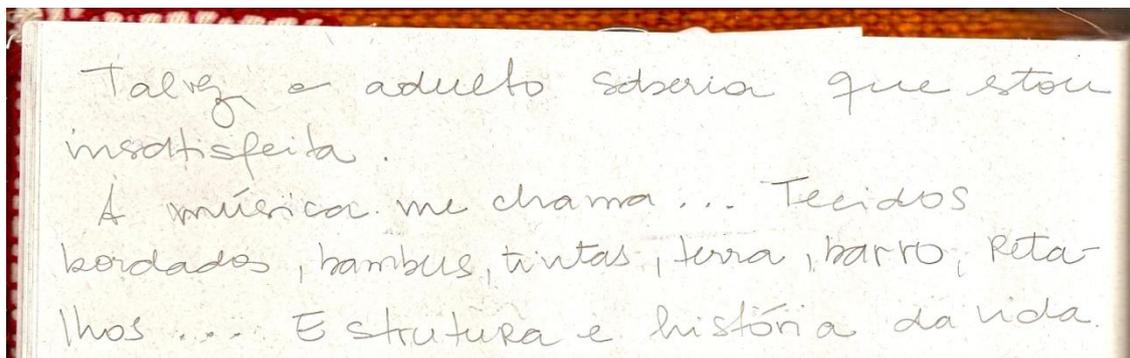
Então me abraça forte e me diz mais uma vez que já estamos distantes de tudo. Eles têm o seu próprio tempo. O medo do escuro pede a luz acesa. Deixa agora...

O que você faz aqui hoje? Isso é de você? Sem desgates pessoais.

Sinta e curta sua ação.

Se eu fosse uma criança já teria levantado e inventado uma brincadeira.

“Existe sempre um autoritarismo disfarçado dentro da arrogância do saber.” (ALVES, 1984, p.38)



Texto escrito em dia longo. Dia amanhecido junto ao sol, dia de trabalho. Foi esse o dia em que colocamos a faixa do Projeto Sementes crioulas no “bandeirão”<sup>19</sup>. Dia de frio, mas aquecido pela movimentação do trabalho, noite longa e fria, sentida principalmente nas escadas do bloco E-F da Moradia Estudantil da Unicamp durante uma assembleia. Por que eu estaria em uma assembleia na Moradia? Bem, a moradia tem uma grande responsabilidade em minha formação. Foi lá que vivi realmente o coletivo, não só possibilitado pelo projeto, mas também pelo coletivo de amigos e casas. Grandes amizades surgiram e com elas grandes possibilidades.

*“A moradia... bem... não moro aqui, porém inúmeros motivos me trazem a este lugar. No início, a convivência, a possibilidade em se fazer amigos, conhecer outras histórias e pontos de vista, o novo núcleo de possibilidades se abria. Cheguei a praticamente morar aqui, me perder no prazer que era estar com as pessoas. Nesse momento todos estavam na mesma onda. (...), a sensação, o clima - aqui me sinto um pouco distante do real, um lugar surreal em sua arquitetura e sua energia. (...) Para além dessas sensações, o projeto apareceu. Nada pensei, apenas estive e aos poucos fui descobrindo o que era estar aqui, o que poderia fazer. Estive MUITO na moradia, (...) é como se estar aqui fosse vital para mim. Eram muitos motivos, muitas coisas, ou melhor, ainda são. (...) Não aprendi ainda me envolver sem estar.”*

*(Por Thaís Tkatchuk, em outubro de 2011, trecho do caderno coletivo de memórias do Projeto Sementes Crioulas)*

---

<sup>19</sup> Restaurante Universitário – Unicamp



Figura 18 - A Vivência e a Moradia (Ilustração: Thais Tkatchuk)

Vivi a moradia intensamente, e estive em muitos de seus espaços coletivos. A assembleia trazia consigo grandes questões da administração e a movimentação em busca de mais vagas. Eu estava lá por acreditar no movimento estudantil, por acreditar sempre na força e organização de um coletivo na luta por alguma causa. A luta era legítima, porém a forma começou a me incomodar.

***“Formalidades somente reafirmam a negação.”***

Estávamos lutando por mais vagas e melhores condições da Moradia Estudantil, mas também questionávamos a estrutura de organização da própria administração da moradia, toda a burocracia, ordem hierárquica e autoritária existente. Lutávamos por isso, porém enxergava nitidamente a reprodução de todos nossos questionamentos em nossa organização. Não conseguimos nos desprender da burocracia, fugir das regras e ordem de uma assembleia e olharmos para o outro como parceiro na construção de ideias e não como um adversário. Toda aquela forma (ou fôrma) abalou as estrutura das relações daqueles que lá estavam e, junto a tudo isso, o projeto Sementes Crioulas começava a significar em mim. Vivendo o projeto percebi que lá tudo acontecia diferente. Neste momento me incomodei, me revoltei e escrevi. Tudo estava muito chato e sem sentido!

***“Se eu fosse uma criança já tinha inventado uma brincadeira. Talvez o adulto soubesse que estou insatisfeita.”***

Não conseguia mais ver sentido na discussão sem ação. Aquele fazer dos tecidos, das tintas, da terra eram muito mais reais, traziam movimento para o espaço e questionamento para os moradores e para a administração a respeito das possibilidades oferecidas pela moradia, porém não utilizadas ou esquecidas. Da história contada pelos veteranos posso imaginar o que foi a moradia nos tempos passados, os espaços ocupados, o coletivo constituído e interado realmente.

Estávamos todos nos desgastando num fazer sem sentido, num fazer sem fazer, num fazer apenas falado e pautado. O que aquele grupo de pessoas sentadas naquelas escadas estavam fazendo para o espaço? Quem ali estava mesmo disposto em lutar e criar espaços de vivências e mais vagas? Quem estava ali realmente pela causa e despreendido de interesses político-partidários?

Tudo isso tomou minha cabeça naquela noite fria e caótica, depois de um dia em que a dificuldade foi superada através do trabalho.

***“Ela só aceitou quando viu nosso trabalho. Cada mão marcada de terra foi sentida por ela e respeitada naquele momento.”***

A senhora responsável pelo restaurante universitário relatou em nos deixar pendurar o cartaz - feito de papel, tecido, cola, terra, bambu, corda, fios coloridos, recortes, encontro e carinho no fazer. Mesmo ela dizendo que não poderíamos pendurar o cartaz porque ele era muito grande e que a armação de bambu poderia machucar as pessoas, nós armamos a estrutura de bambu presa com cordas de sisal, amarramos o cartaz com as cordas feitas de fios coloridos, contamos do que era feito aquele cartaz, como fizemos e quanto tempo demoramos. Ela apenas aceitou quando parou, olhou e entendeu que não estávamos ali pendurando qualquer coisa, mas que estávamos ali vivendo e trabalhando no que acreditávamos realmente e que não nos importava o trabalho que daria, muito menos a disposição dos outros, mas sim aquilo que buscávamos e que queríamos trazer à tona.

Como eu poderia ficar tranquila na assembleia, diante da reprodução da ordem que questionávamos e de um fazer apenas falado e desgastado pela discussão?

Viver o Projeto Sementes Crioulas me colocou diante de uma grande reflexão em torno do que acredito realmente em meu fazer. Estar em contato com as crianças, com a terra e praticando atividades que resgatavam minha ancestralidade, me colocavam diante de um fazer real, palpável e completamente possível onde, questionamento e crítica da prática são realizados através da própria prática.

O movimento estudantil foi uma experiência muito marcante e importante em minha formação. Foi vivendo este espaço que observei, vivi e refleti sobre inúmeras questões relativas à sociedade, à sua organização - que já eram pautadas na sala de aula, mas que não conseguia enxergar sua concretude, no entanto naquele momento percebi que, devido à maneira de organização e atuação do coletivo, não chegaríamos a nenhuma transformação efetiva do real.

A maneira de organização e atuação do movimento estudantil estava me desgastando e, ao mesmo tempo, o que era vivido no Sementes Crioulas fazia muito mais sentido, primeiramente por representar uma ação efetiva de transformação e utilização do espaço, além da prática pautada principalmente na autonomia, individualidade de cada sujeito e solidariedade dentro do coletivo. Sendo este então, também um espaço de reflexão em torno de nossa atuação no sistema capitalista em que estamos inseridos - onde as relações afetivas, a individualidade e a solidariedade entre os indivíduos foram esquecidas e atropeladas pelo interesse do capital, dando lugar à alienação, padronização e competição entre os indivíduos. Conforme aponta Gallo (1995),

“A educação libertária trabalha para destruir a padronização dos indivíduos, proliferando a singularidade, a criatividade e as diferenças, que acabam por se harmonizar através da cooperação e da solidariedade compondo uma totalidade social.” (p.165)

Dessa forma, significando minhas vivências acadêmicas e extra-acadêmicas, como a do Projeto Sementes Crioulas, posso afirmar que a transformação social pautada no desprendimento da lógica capitalista é possível através de uma

reorganização do coletivo e de lógicas mais completas de atuação baseadas na liberdade, no fortalecimento da individualidade, do exercício da autonomia, da troca de saberes, da solidariedade, do resgate de nossa ancestralidade e do saber popular. Assim, o ser transformador se faz completo, pronto a compor de fato um coletivo e transformar o que deseja. Silvio Gallo, escrevendo a respeito da educação anarquista, exprime de maneira clara e objetiva a significação da minha prática, através de sua teoria:

“(…), podemos seguramente afirmar que a educação anarquista – como uma *teoria socialista da educação* – é, antes de tudo uma pedagogia social. Isso significa que esta teoria concebe a educação como fenômeno político-social que se pode abrir em duas frentes: ser o veículo da reprodução da sociedade e, portanto, de sua manutenção; ou ser um espaço privilegiado para a realização de algumas tarefas que culminem com um processo radical de transformação da realidade social.

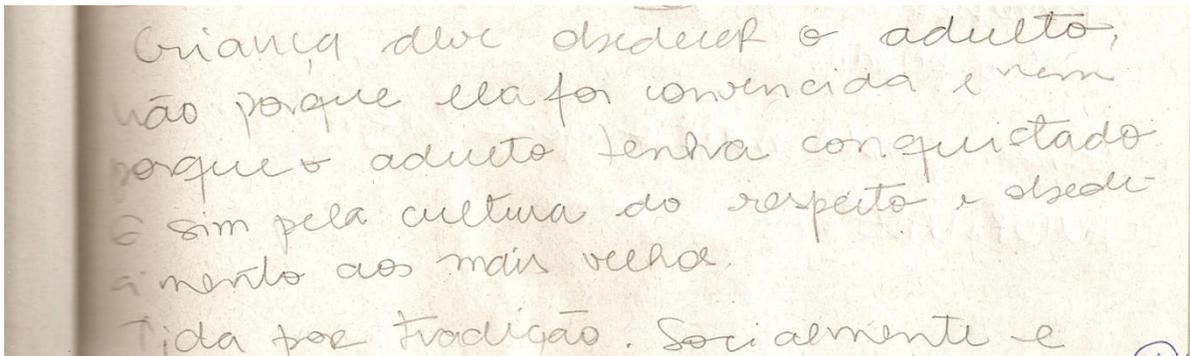
(…), a pedagogia anarquista procura trabalhar o indivíduo e sua autonomia própria; é da individualidade que surge a amplitude social.”. (GALLO, 1995, p. 163)

Como já dito, o movimento estudantil não deixa de discutir e se posicionar frente às questões acima citadas, a respeito do sistema capitalista e da maneira autoritária dos gestores, porém me refiro aqui especificamente à maneira de atuação. Vivenciando os dois contextos dentro da moradia, pude enxergar um sentido muito mais real em meu fazer no projeto, pois o entendimento do coletivo se faz de maneira solidária e autônoma, onde o ponto central passa ser a troca de saberes respeitando a individualidade e as diferenças de cada indivíduo, o que me causou imenso prazer durante e fora do trabalho, significando este fazer efetivo (na transformação do espaço e no contato com os moradores, funcionários e interessados), e não mais sofrendo o desgaste emocional, físico e social, que geralmente temos de enfrentar dentro das atividades do movimento estudantil. Gallo (1995) afirma:

“Félix Garcia Moriyón (1989m p.26), entretanto, afirma ser a *solidariedade* o ponto central da perspectiva social da educação anarquista, superando os ideais burgueses de uma fraternidade

universal que não puderam transformar-se de “palavras de ordem” em fatos concretos, dada a dinâmica própria da sociedade capitalista. Por isso, a escola não poderia ser um lugar de acentuação das diferenças entre os indivíduos, incentivando a competitividade. Ao contrário, a escola deveria ser o lugar da solidariedade, do “auxílio mútuo” – para usar a expressão de Kropotkin -, onde as diferenças individuais se harmonizassem no coletivo” (p. 163-164)

### ***“Autoritarismo... Estamos Submetidos?”***



“Não há ignorante que não saiba uma infinidade de coisas” (RANCIÈRE, 2010, p.11)

Culturalmente construídos e impreg-  
nados  
Percebido isso claramente na minha  
relação com as crianças na escola.  
Assim como na sociedade patriarcal  
"A entrada é para Raros"  
Raros no fazer, no pensar, no viver. Raros  
em atuar na educação porque acredi-  
tam na relação, na proposta, no apre-  
nder, no proporcionar.  
Proporcionar àquele o pensar, o desco-  
brir, o questionar. O aprender, para  
poder ensinar. Talvez por sua vivência,  
por sua experiência, mas nunca por  
autoridade  
Quando se há autoridade não há  
respeito. Para mim esta sempre será  
violenta e persuasiva.  
Autoridade e poder → p/ mim, andam  
juntas -  
Confusão!  
Entendendo mais o que significa.  
AUTORIDADE...

Há sempre uma grande confusão quando falamos de autoridade, poder e autoritarismo. Assim, creio ser necessário primeiramente compreender de que maneira se dão as relações de poder entre os indivíduos.

“(…) o poder não existe como algo unitário, em um ponto; não existe como um objeto que se tem ou que se deixa de ter. Funciona como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa. Não é um objeto, mas um conjunto, um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado.”  
(Foucault, 1979:248 apud FAVERO, 1956, p. 47)

Partindo da ideia de Foucault de que poder não é substância, mas sim algo que se dá nas relações entre seres humanos, onde toda relação é uma relação de poder, e que havendo poder, há também aquele que o exerce; que, o poder pode ser visto não somente como algo repressivo, mas também permissivo, ou seja, ao mesmo tempo em que pode reprimir, pode produzir o saber; e que, o grande problema se dá quando essa relação de poder funciona como relação de dominação, onde um indivíduo utiliza-se do seu saber e poder para reprimir o outro, podemos constatar que a discussão entre autoridade e autoritarismo permeia a discussão entre poder e dominação, pois, seguindo a ideia de Foucault, a autoridade é um tipo de relação de poder, existindo a partir da relação entre dois ou mais sujeitos. Assim, a autoridade pode ser conquistada e exercida na relação, sendo permissiva ou repressiva.

Quando digo “conquistada e exercida”, parto da ideia de que a autoridade está ligada ao domínio do saber, logo, pode ser conquistada por qualquer indivíduo que se considere capaz de produzir ou indagar o conhecimento (produzir o saber) em torno de algum assunto. Porém a autoridade é, tradicionalmente, delegada aos “mais velhos” devido à nossa herança cultural e acabou por tornar-se praticamente inerente ao homem, limitando qualquer atuação daquele que está sujeito à autoridade do outro.

“(...) o povo perdeu o poder por lhe ter sido roubado o saber. E quem se entrega ao saber do outro acaba por ficar ao sabor do outro. E ficar ao seu sabor é o mesmo que estar dentro de sua boca, pronto a ser engolido...”. (ALVES, 1984, p.38)

Ilustrando tal concepção, acima descrita, a partir da relação entre educador e educando, podemos notar que o segundo é geralmente visto como aquele desprovido de saber, devendo respeitar a autoridade do educador. Esta se trata de uma relação extremamente vertical, onde o conhecimento parte apenas de um dos lados, no caso sendo daquele que detém a autoridade (educador). Acredito que tal relação, assim como qualquer outra, deve ser estabelecida de modo horizontal, a partir da igualdade, onde o saber pode, e

deve, provir de qualquer um dos lados e que a conquista da autoridade pode se dar tanto do educador com o educando, quanto do educando para o educador, ou simplesmente entre os próprios educandos.

Quando o educador acredita ser o único produtor de conhecimento (partindo da desigualdade), está concentrando o poder em si e utilizando sua autoridade de forma repressiva, pois não possibilita a emancipação do educando. Assim, este educador pode ser considerado um sujeito autoritário (que exercita o autoritarismo), pois utiliza-se de seu poder e saber para dominar o saber do outro, fortalecendo a desigualdade de inteligências.

Estabeleço então um diálogo em torno das questões de igualdade colocadas por Rancière sobre o mestre Jacotot, as quais se encaixam perfeitamente dentro da discussão acima colocada, defendendo que, na educação, devemos partir da igualdade, para então compreender e discutir a desigualdade, conforme ilustra abaixo sua citação:

“Quem estabelece igualdade como *objetivo* a ser atingido, a partir da situação de desigualdade, de fato a posterga até o infinito. A igualdade jamais vem após, como resultado a ser atingido. Ela deve ser colocada antes. A própria desigualdade social já supõe: aquele que obedece a ordem deve, primeiramente, compreender a ordem dada e, em seguida, compreender que deve obedecê-la. Deve, portanto, ser já igual a seu mestre, para submeter-se a ele. Não há ignorante que não saiba uma infinidade de coisas, e é sobre este saber, sobre esta capacidade em ato que todo ensino deve se fundar. Instruir pode, portanto, significar duas coisas absolutamente opostas: confirmar uma incapacidade pelo próprio ato que pretende reduzi-la ou, inversamente, forçar uma capacidade que se ignora ou se denega a se reconhecer e a desenvolver todas as conseqüências desse reconhecimento. O primeiro ato chama-se embrutecimento e o segundo, emancipação.” (RANCIÈRE,2010,p.11)

Entendendo que o homem é um ser constituído a partir do resultado de suas ações e interações com o meio histórico coletivo o qual está inserido, partimos da igualdade, consideramos o educando como um ser produtor do conhecimento, assim como o educador. Assim, o diálogo e troca de saberes entre os dois sujeitos acontece de modo horizontal, onde há primeiramente, o respeito

à individualidade e às diferenças de cada um, e onde a construção, ou não, de regras e verdades pode ser questionada, entendida e acordada entre os dois, extinguindo, então, a existência de desigualdades. Neste contexto, o educador utiliza-se da autoridade e passa a atuar como organizador, possibilitando o processo de construção coletiva da autonomia e da liberdade, bem como se refere Gallo aos pensamentos de Bakunin:

“(...) o homem não é um ser pronto, e nem tampouco a criança é um ser que já traz em potência aquilo que é adulto – perspectiva aristotélica que faz a educação um processo de atualização dessas potencialidades -, mas o homem é resultado de seus atos, de uma ação coletiva na história na qual estão envolvidos todos os indivíduos; a educação, por sua vez, não consiste em provocar o desenvolvimento de certas potencialidades, nem em deixar a criança livre para que essas potencialidades naturais aflorem, o que estaria em concordância com a posição idealista, mas é um processo de construção coletiva da liberdade e da autonomia, partindo da autoridade do professor que organiza o grupo de modo a possibilitar esse processo.”(1995, p. 171-172)

Esta autoridade é vista como exercício de poder, porém não repressivo, e sim permissivo, se diferenciando do autoritarismo. Muitos podem confundir o antiautoritarismo com descompromisso com a educação ou abandono das crianças, porém a compreensão vai muito além deste fato. A educação baseada no antiautoritarismo parte da autoridade para construir uma liberdade coletiva que não é inerente ao homem, mas sim algo conquistado pela ação humana. Tal postura possibilita que o indivíduo se torne autônomo e consciente de si, e impede que se torne submisso e politicamente manipulável.

“Uma educação antiautoritária não significa abandonar as crianças a sua própria sorte, esperando que supostas leis naturais ajam no sentido de garantir-lhes um desenvolvimento harmonioso rumo à liberdade, muito ao contrário, uma educação antiautoritária implica numa sábia diretividade do processo, partindo da autoridade mesma para construir coletivamente uma liberdade que não é nenhum dom divino nem da natureza, mas um bem conquistado única e

exclusivamente pela ação humana. Assim como a não-diretividade implicaria na inocente submissão das crianças e desejos externos mais fortes que o delas, gerando na verdade indivíduos politicamente manipuláveis pela mídia, a pedagogia antiautoritária de Bakunin busca fortalecer o desejo, a consciência e a autonomia dos indivíduos, de modo que sua ação social futura seja a confirmação de uma liberdade conquistada e conscientemente assumida”. (GALLO, 1995, p.172-173)

A partir do questionamento, da discussão, da busca por respostas e posicionamentos me encontro e dialogo com meu pensamento...

## Aprender como? Eu e meu pensamento

- A aprendizagem é possível de que maneira?
- Sei lá...
- Como você aprendeu?
- Aprendeu o que?
- Como o que?
- Como eu aprendi?
- Como você aprendeu a andar, por exemplo!>
- Ah!... como eu aprendi a andar? Vixe... não lembro, pergunta outra coisa.  
(Uma ida ao banheiro...)
- Tã, vamos lá...
- Como você aprendeu a beijar?
- Hum, de várias maneiras!
- Tã, qual... ou quais?
- Tipo, tem a TV né?! hehe a gente aprende um monte de coisas e pode aprender de várias maneiras. Tem IMAGEM, técnicas e muitos tipos... Depois da TV, a gente aprende na prática né?
- Ah! Chegou onde eu queria... De que maneira se dá o aprendizado? A partir...
- A partir do partir, do se jogar, experimentar, vivenciar...
- Se não há uso, não há aprendizagem?
- Bem sempre...

Esta conversa entre eu e meu pensamento aconteceu durante uma aula em que eu era PAD e a discussão dentro de sala era sobre o ato de ensinar e de aprender. No mesmo instante pude recordar do texto "A aula como acontecimento" de João Wanderley Geraldi e escrevi, a partir de perguntas/respostas, tentando incitar o pensamento a respeito das respostas e das perguntas formuladas. Das perguntas feitas que por vezes ficam sem respostas, das respostas exclamadas sem perguntas, e de que maneira essa relação pergunta/resposta interfere no ato de ensinar e de aprender. Para além disso,

busco refletir também sobre a significação do aprender, ou seja, que o indivíduo pode vir a aprender a partir de suas vivências, de suas marcas, a partir do seu próprio significar, encontrando as respostas para as próprias (e não somente) perguntas.

Geraldi dialoga com esta questão das perguntas e respostas baseada nas experiências escolares e a partir da reflexão em torno do conhecimento adquirido através de uma herança cultural. Para ele,

“(...) a nova identidade a ser construída, não é a do sujeito que tem as respostas que a herança cultural já deu para certos problemas, mas a do sujeito capaz de considerar o seu vivido, de olhar para o aluno como um sujeito que também já tem vivido, para transformar o vivido em perguntas. O ensino futuro não estará lastreado nas respostas, mas nas perguntas. Aprender a formulá-las é essencial. Na lição de Saramago, ‘tudo no mundo está dando respostas, o que demora é o tempo das perguntas’.

É com as mãos cheias de perguntas que melhor nos orientamos no manuseio da herança cultural. A ela vamos em busca de percursos feitos para responder a outras perguntas. A ela vamos também em busca de respostas que já foram dadas às perguntas que formulamos: não se trata de reinventar a roda! O que importa aqui é que as perguntas dirigem seleção, construção ou reconhecimento da inexistência de respostas. Creio que o ensino tem dado respostas a alunos que não conhecem as perguntas. Temos aprendido respostas sem sabermos as perguntas que elas conduziram.”(GERALDI, 2003, p.19)

As respostas tem surgido antes mesmo das perguntas, inserindo o professor em um universo vago e imaginário, ou seja, o professor dá respostas deduzindo o que os alunos devem e gostariam de aprender, sem inserir os próprios “sujeitos aprendentes” no processo de descoberta e análise destas perguntas. Dessa forma, é necessário entender que o professor não é o único indivíduo detentor e produtor de conhecimento dentro da escola, e considerar que o aluno - ou sujeito aprendente, também é um ser que possui conhecimentos adquiridos através de

“Ao contrário do lema ‘aprender para viver’, trata-se de assumir efetivamente que ‘vivemos aprendendo’”  
(GERALDI. 2003)

“Ensinar não é mais transmitir e informar, ensinar é ensinar o sujeito aprendente a construir respostas, portanto só se pode partir de perguntas” (GERALDI, 2003, p.21)

suas vivências e que as respostas que damos, muitas vezes sem nenhuma pergunta, é algo inerente ao nosso ser oriundo da herança cultural.



Figura 19 - Pergunta (Ilustração: Thaís Tkatchuk)

É necessário dar tempo para que possam surgir as perguntas, estimular a descoberta por mais perguntas e orientar os alunos na busca de respostas entre todos os *esclarecimentos disponíveis* (GERALDI, 2003), conseguindo desta maneira, avaliar juntamente com os próprios alunos seu processo de construção e produção do conhecimento, e não somente um resultado vazio e volátil de algo que foi apenas transmitido, ignorando todas as possibilidades de curiosidade e descoberta acerca de um assunto.

“(...) é aqui que o caminho começa a ser construído e ele somente passa a ter existência depois de percorrido, na narrativa que se escreve deste processo de produção. Enfim, trata-se de pensar o ensino não como aprendizagem do conhecido, mas como produção de conhecimentos, que podem resultar também de novas articulações entre conhecimentos disponíveis.” (GERALDI, 2003 p.20)

“Poderemos não produzir as respostas desejadas, mas somente nossa memória de um futuro outro para as gerações com as quais hoje trabalhamos poderá iluminar nosso processo de construção desta nova identidade: a atenção ao acontecimento é a atenção ao humano e a sua complexidade” (GERALDI, 2003, p.21)

Forma-se, então, nesta interação, uma autogestão pedagógica onde o aluno autônomo pode gerenciar seus próprios estudos e interesses, aprendendo o que é liberdade a partir das relações travadas em seu cotidiano escolar. Obviamente que esta organização não exclui o importante papel do professor em sala de aula para a conquista da liberdade coletiva e crítica da própria autoridade, como ressalta Gallo, baseado nas ideias de Bakunin:

“A concepção socialista de Bakunin leva a uma proposta pedagógica onde a liberdade é algo a ser aprendido e construído pelos próprios alunos, através das relações que travam em seu cotidiano escolar. Na perspectiva bakuniana não há, pois, nenhum impedimento para a relação do professor com os alunos, dado que não se deseja uma suposta não-diretividade no processo pedagógico; por outro lado, existe sim uma meta a ser atingida, que é a progressiva crítica da autoridade em nome da liberdade que é construída pelo grupo. As intervenções do professor devem dar-se justamente no sentido de se alcançar essa meta.” (1995, p. 170-171)

Aprofundando as discussões em torno das relações de ensino e aprendizagem, relembro, neste momento, Rubem Alves em seu livro “O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender”, discutindo de que maneira se dão os processos de questionamento, pensamento, reflexão e afeto na relação professor/aluno/família.

Explica Rubem Alves...

“Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim *affetare*, quer dizer ir atrás. O “afeto” é o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o *eros* Platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado.

(...) Se o desejo for satisfeito, a máquina de pensar não pensa. Assim realizando-se o desejo, o pensamento não acontece. A maneira mais fácil de abortar o pensamento é realizando o desejo. Esse é o pecado de muitos pais e professores que ensinam as respostas antes que tivesse havido perguntas.” (2006, p.20-21)

“Receita pra se comer queijo...

A Adélia Prado me ensina Pedagogia. Diz ela: “Não quero faca nem queijo; quero é fome”. O comer não começa com o queijo. O comer começa na fome de comer queijo. Se não tenho fome é inútil ter queijo. Mas se tenho fome de queijo e não tenho queijo eu dou um jeito de arranjar um queijo...”

(ALVES, 2006, p.19)

**“A verdadeira cozinheira é aquela que sabe a arte de produzir fome...” (ALVES, 2006, p.20)**

Apreciando a metáfora de Rubem Alves, penso que o verdadeiro professor é aquele domina a arte de provocar no aluno o desejo pelo conhecimento, estimula-o a pensar, a questionar, a criticar, a pesquisar, a encontrar respostas e possibilidades. É aquele que valoriza e estimula a produção do conhecimento e que utiliza a autoridade para possibilitar a construção coletiva da autonomia e da liberdade, de modo a emancipar o educando, impedindo que este se torne submisso e politicamente manipulável.

Programa de Aperfeiçoamento Didático  
... O que objetivamente é isso?  
Algo manipulado, obrigatório e  
completamente burlável.

Vem alguém nos dizer o que é ser  
professor e falar da docência para  
além da sala de aula.

O que é ensinar e o que é aprender?  
Formar o homem, formar o cidadão?  
O que é cidadão? Violência Universitária (15)

O que é ensinar? O que acopla  
o ato de ensinar? Pedagogia  
da autonomia. Ela vai explicar  
o que é autonomia... Ficou no  
ar...

TV Univap... pode?

Bom desempenho... IDB...

Ninguém é livre sem autonomia.  
Autonomia é sinônimo de libe-  
rdade.

Mentira. Mentira... A autonomia  
é sinônimo de emancipação  
intelectual, é sinônimo de  
consciência de si, de responsa-  
bilidade.

Autonomia é ter liberdade para  
fazer tudo o que se quer? Em  
parte sim, mas esclarecido do que se  
quer, e quais são os impactos de  
sua ação. A consciência é o  
segundo.

5. De esclarecimento

(16)

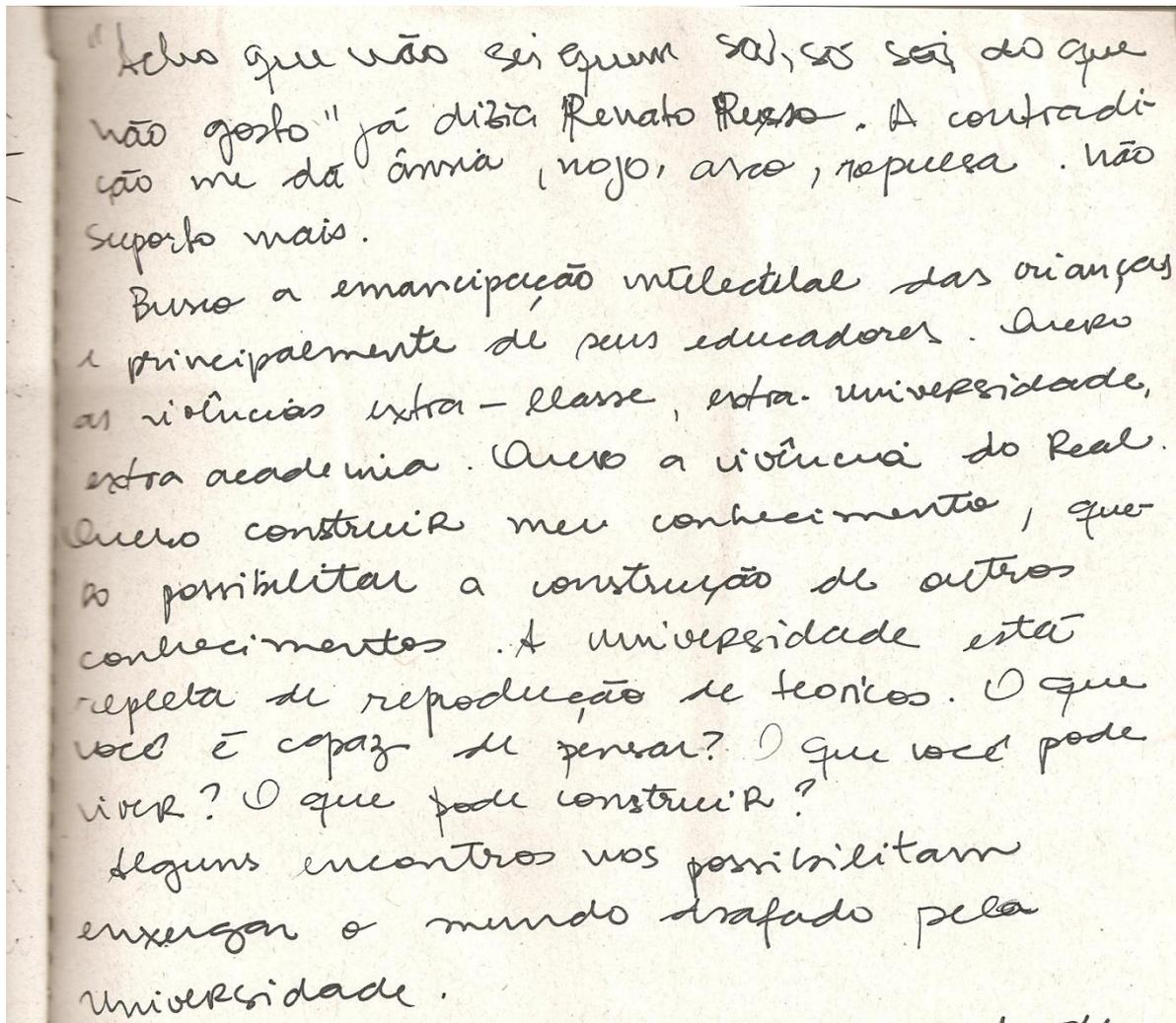
↓ Universidade busca a autonomia dos alunos? NÃO DEFINITIVAMENTE NÃO.

↓ Universidade nos faz depender cada vez mais e a sermos cada vez mais submissos aos "mestres" e superiores. Você pode fazer o que quer consciente de tudo, dentro na Universidade? Não. Não se pode nem ao menos apreciar o pôr-do-sol.

Lhe trago a baderna, o riso, o questionamento, o movimento.

Não-Suporto estar aqui. Uma vez, muitas luas e apenas um rosto. O som vai de uma caixa amplificadora e toma minha mente, quase me impedindo de questioná-la.

Porque nos trouxeram aqui? Quais são suas reais intenções se nós somos apenas exectores na sala de aula? Não me venha falar de humanos, essências aqui, em cima desse palco. cansei desse molde, cansei de hipocrisia, cansei dessa reprodução hipócrita que é a academia.



Escrevendo em pretas e fortes palavras talvez quisesse deixar clara minha insatisfação em estar naquele espaço. Como já citado, o evento era o Programa de Aperfeiçoamento Didático, obrigatório para aqueles que recebem bolsa PAD na Universidade, e seu tema era a autonomia baseada nas obras do mestre Paulo Freire, porém acredito que ele não nos obrigaria a estar ali. "Você só receberá sua bolsa se registrar sua presença através do chip de seu cartão universitário". Obrigatório, porém completamente "burlável". Mesmo contrariada pela obrigação, decidi conferir. O pequeno período que estive dentro do Centro de Convenções da Unicamp resultou nestas páginas acima expostas.

**"Vem alguém nos dizer o que é ser professor e falar da docência para além da sala de aula..."**

A significação do que é ser professora/professor só pode ser entendida e sentida no momento em que se é professora/professor, ou melhor,

“(...) Formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas(...)” (FREIRE, 1996)

educadora/educador. Ensinar para além da sala de aula deve ser o principal objetivo de atuação, partindo, em primeiro lugar, da compreensão de que o ato de ensinar consiste na possibilidade criada pelo educador para que o educando desperte em si o espírito crítico, sinta o desejo e a curiosidade na busca e na produção de novos conhecimentos. O educador não é aquele que transmite o conhecimento pronto e moldado, mas sim aquele que cria possibilidades ao educando para que este produza e construa seu próprio conhecimento.

### *Lições de Freire...*

“Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.” (1996, p.29)

“(...) ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (FREIRE, 1996 p. 22)

Acreditando que o conhecimento se produz a partir do contato e intervenção com o mundo, do “conhecer o conhecimento”, ou seja, a partir das vivências, tanto o educador quanto o educando estão em contínuo processo de formação. Logo, o ato de ensinar e de aprender não estão definidos a nenhum dos sujeitos, mas sim a partir da interação dos dois, educando e educador, fazendo valer o sentido do ensinar, que vem colado ao aprender e vice-versa. Ou seja, “*quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender*” (FREIRE 1996, p.23), logo:

“(...) quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.

(...) nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 1996, pp. 23-26)

A partir dessa compreensão, fica claro falar em docência para além da sala de aula, visto que o que for ensinado estará baseado principalmente nas vivências extra-classe, utilizando o espaço escolar como o centro de exposição e troca de conhecimentos, além da constituição de um grupo enquanto coletivo formador. Digo isso, para não desprezarmos a escola e sua importância enquanto espaço de troca e, principalmente, enquanto meio em que se faz possível a constituição de um coletivo heterogêneo em vivências, de diferentes contextos e interações sociais, e que a partir do que é vivido e dividido enquanto grupo, pode-se constituir um coletivo distinto de formandos e formadores.

A escola e a universidade cometem um grande erro ao enxergar o aluno como um sujeito vazio de experiências e de conhecimento, buscando preenchê-lo e prepará-lo para os desafios que a sociedade irá colocar, resumindo-se à transmissão de um conhecimento específico pronto, baseado na conformidade com a realidade. Freire nos traz a proposta de uma prática em favor da autonomia, da construção e produção de conhecimento do educando, e não em favor da adaptação, conformidade e da sobrevivência com as realidades que nos fazem acreditar não poderem ser mudadas. Retomando o pensamento de Gallo (1995), a educação deve ser encarada como um veículo de transformação da realidade social, a partir da conquista da liberdade coletiva e da autonomia, de modo que o educando não seja um sujeito submisso e politicamente manipulável.

Essa recusa da adaptação à conformidade da realidade, à submissão e à manipulação política deve também ser aplicada à prática do professor, enquanto profissional que, além de exercer seus deveres, deve ter condições dignas para realizar seu trabalho. As condições de trabalho oferecidas aos professores são completamente desrespeitosas, pois os salários são imorais, as condições espaciais, estéticas e higiênicas não são favoráveis, o que atinge diretamente o desempenho do professor e também dos alunos.

O professor, enquanto sujeito transformador da realidade, não deve se conformar com suas condições de trabalho precárias e muitas vezes opressoras. Deve lutar para que seja reconhecido e valorizado enquanto profissional da educação capacitado e responsável por sua atuação.

“Se há algo que os educandos brasileiros precisam saber, desde a mais tenra idade, é que a luta em favor do respeito aos educadores e à educação inclui que a briga por salários menos imorais é um dever irrecusável e não só um direito deles. A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. Não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que dela faz parte. O combate em favor da dignidade da prática docente é tão parte dela mesma quanto dela faz parte o respeito que o professor deve ter à identidade do educando, à sua pessoa, a seu direito de ser.” (FREIRE, 1996, pp. 66-67)

Assim, o professor que busca a autonomia, a construção e produção de conhecimento e vê a educação como um veículo de transformação da realidade social a partir da conquista da liberdade coletiva, não pode se deixar submeter a condições tão indignas e desrespeitosas com seu trabalho e com o trabalho dos educandos.

“Aquele que é um verdadeiro professor toma a sério somente as coisas que estão relacionadas com seus estudantes – inclusive a si mesmo”  
(NIETZSCHE apud ALVES, 2006, p.29)

*Conversas, esclarecimentos... Impressionante como suas palavras traduzem em letras o que estou pensando.*

*Uma orientação por acaso. Por acaso mesmo?*

*Acredito que ele não existe. São as mentes e essências em sintonia, se encontrando nos devidos momentos. Passei a encarar estes momentos como uma releitura e reflexão sobre meu caminhar acadêmico. Hoje enxergo todos os passos como peças de um quebra-cabeça em fase final. Já é possível enxergar a figura que irá aparecer.*

*As palavras, a escrita são como veículos que me levam ao objetivo do caminho. A compreensão do que sou, do que busco e acredito sobre educação. Já posso afirmar que esse modelo de TCC é sim uma proposta de metodologia e atuação.*

*Quando iremos enxergar os indivíduos e suas individualidades? Quando buscaremos o pensamento subjetivo daquele que convivemos? A criança é ser humano! Você se esqueceu disso? Ela precisa se expor, refletir, pensar e criar.*

*Por que trabalhar com os pequenos? Para desde pequenos fazerem a revolução! É isso aí! Busco simplesmente possibilitar que as crianças estejam a todo o momento em processo de construção de ideias, que estejam a todo o momento buscando informações e construindo conhecimento. Que elas estejam livres para pensar, para questionar. Autonomia definitivamente não é sinônimo de liberdade, é sinônimo de juízo de si, é sinônimo de liberdade no pensar e responsabilidade no agir.*

*O conflito é discutir com quem acredita que o adulto é o responsável por educar a criança, por lhe ensinar como é que se vive. Discordo. O adulto é alguém que já viveu mais tempo que uma criança e que, de certa forma, tem mais propriedade para falar ou opinar sobre*

*algo, porém a criança é um ser em fase de descobertas, de exploração e entendimento sobre si, sobre o mundo, ou seja, a criança é pesquisadora.*

*Qual foi o momento que sua aprendizagem foi mais significativa e marcante para você?*

*Quando sua professora/adulto disse não ou quando você viveu?*

*Ouvi muitas palavras durante a vida toda (até agora), mas elas só fizeram sentido quando eu pude realmente vivê-las, sentir na prática o que elas queriam dizer.”*

(Retirado de meu caderno de memórias)

Meus três anos em condição de estagiária – porém atuando muitas vezes como professora, me trouxeram muitos questionamentos e construção de ideais e atuação. As principais questões que têm me norteado são: Qual o papel do educador? Qual sua função? Com quem se relaciona? Como a escola vê a criança? Como a criança é tratada e respeitada?

Esta vivência educacional me possibilitou descobrir uma nova imagem do que é ser criança. Cheguei à escola sem saber muito que fazer, mas tinha acoplado em mim a imagem soberana de professora. Através da convivência, elas me mostraram que estavam ali para construir tanto quanto eu, e que tinham ânsia em explorar, conhecer, descobrir e aprender. Envolvemo-nos na convivência do dia-a-dia e quando parei para observar, nós éramos os mesmos. Eles eram as pessoas que eu esperava encontrar para contar minha novidade na “roda diária da novidade” e aprender algo novo. Obviamente não falo apenas do receber e sim da troca, estava ali para ensinar a aprender, mas também para aprender a ensinar. Notei a facilidade que era me comunicar de igual para igual e que, em uma situação conflituosa, explicitar minha opinião e contextualizar os motivos da minha postura eram claramente compreendidos.

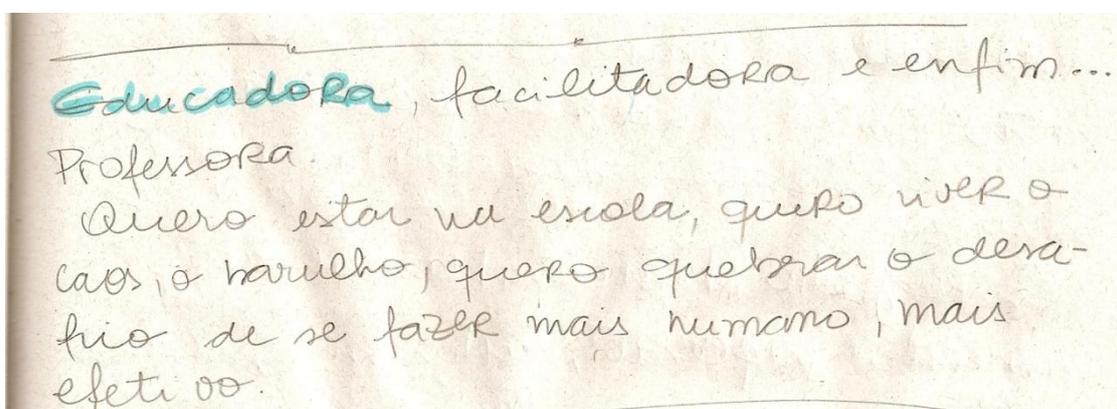
A partir disso, observei em mim o desejo de torná-los indivíduos autônomos, cientes de suas responsabilidades e ações, instigados ao questionamento, à reflexão e ao fazer, superando a si mesmos. Busco na

educação, a liberdade de criação, de expressão, para a construção do meio e individualidade.

Isso tudo não era tão fácil. Estar dentro de uma instituição, subordinada a inúmeras rotinas e fazeres me podava muitos desejos de atuação. Percebi o quão é ultrapassada a abordagem geralmente utilizada na educação, pois é muito tradicional e autoritária, se igualando muito ao modelo educacional norte-americano, um modelo de indústria dentro da escola, onde poucos dominam muitos e onde se cria a desigualdade. O adulto atua no universo infantil como ser esclarecido de todas as vontades e necessidades da criança, sem respeitar seus desejos e conhecimento de mundo. O professor busca a submissão, e dessa maneira acaba “criando” um indivíduo que não precisa assumir suas responsabilidades sobre os atos que pratica e que, conseqüentemente, não reflete e não questiona o meio em que vive.

Dessa forma, se faz necessário dissolver o poder, ou seja, que o professor desça do patamar de detentor do conhecimento e da razão e trate a educação e a relação com as crianças de modo mais horizontal. Penso hoje, depois dessa experiência, repetindo o pensamento de Malaguzzi, já descrito anteriormente neste trabalho, que as coisas relativas às crianças e para as crianças somente são aprendidas através das próprias crianças, e aí entra o papel do adulto educador de levá-las a sério, tratá-las com igualdade e autonomia, criando possibilidades para uma transformação social e construção de um novo mundo.

“(…) A educação deve ter, então, um forte conteúdo de transformação social, para a construção de um mundo no qual valha a pena ser vivido.”(GALLO, 1995,p.178)



**Educadora**, facilitadora e enfim...  
Professora.  
Quero estar na escola, quero viver o caos, o barulho, quero quebrar o desafio de se fazer mais humano, mais efetivo.

Busco, através da autonomia, uma nova experiência educacional, ativa e cheia de pluralismos. Precisamos aprender com as crianças, mudar nossos pontos de vista e possibilitar que prevaleça o seu direito de ser protagonista de si, e de manter sua curiosidade sobre o mundo. Se as crianças têm direitos legítimos, elas também devem ter oportunidade de desenvolver suas inteligências. Possibilitar a autonomia, é também possibilitar a individualidade. A criança passa ter uma nova concepção sobre si, sobre as situações e pessoas que a cercam, construindo assim o seu eu e enxergando de maneira clara seus limites, deveres e responsabilidades, além da compreensão sobre as diferenças. Dessa forma, podemos ploriferar a singularidade, a criatividade e as diferenças, harmonizando o meio através da cooperação e da solidariedade. Busco despertar em cada indivíduo a criatividade, a emancipação intelectual, de modo que este se torne um indivíduo livre em suas buscas e escolhas, um sujeito autônomo.

## Considerações Finais

*"Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento" (Clarice Lispector)*

Clarice Lispector, em sua sensibilidade e plenitude na escrita, exprime exatamente minha sensação em torno do meu processo de formação no curso de pedagogia da Universidade Estadual de Campinas, que, para além, o Projeto Sementes Crioulas resgatou em um ano.

Para ilustrar este processo do caminhar, mas observando as marcas do início e do fim, transcrevo abaixo o primeiro e o último<sup>20</sup> texto escrito durante minha experiência no projeto Sementes Crioulas:

### A Carta e a Terra

Eis que chegaram os momentos de descobertas e conhecimentos.  
Uma sala que tem algo a dizer, a pedir e para fazer. Tudo que lá circula é um misto de anseios, desejos e serenidade. Me parece vazia às vezes... Quem sabe lhe falte os protagonistas.  
O silêncio às vezes incomoda e neste momento, a música não é o suficiente, os toques no tambor fizeram por preencher por um tempo o vazio, mas somente por um tempo. A troca ainda está acontecendo no semear da Terra. O toque voltou depois de anos, o encontro, o sentir, o pegar sem objetivo, somente por pegar.  
O registro feito por muitos olhares e percepções.  
Tudo se transforma, vira o que se quer, sente o que se pode, vem o que vier!

**(Primeiro texto escrito durante a experiência do projeto Sementes Crioulas)**

---

<sup>20</sup> Até a finalização deste Trabalho.

"Cavaletes, tintas, fogão, preparos, mandioca, raiz, composto, viveiro, ciclo.

Finalmente chega o momento em que se faz parte do espaço.

A partilha, a organização do espaço, para curtir, para receber, para significar. As coisas começam a fluir e a vida acontece.

A tecnologia traz a música, a música traz a inspiração e a animação.

Aquele de uniforme traz a surpresa e as perguntas:

-São vocês que plantam isso?

- É. Na verdade eu não, mas tem alguém que faz e acontece aqui.

-O que vocês fazem com isso?

-Ah! Isso?! Isso é o fogão... a gente cozinha aqui.

- Poxa! Que legal

- Volte aí mais tarde!

O alimento nos espera e traz com ele a gratidão pelos momentos de abstração das obrigações e curtição das descobertas, das vivências e da troca.

É sempre bom estar. Hoje o lance se faz mais orgânico e sem grande conflitos.

Hoje ela queria tecer mas lhe faltaram os fios.

Quem sabe um outro dia... Ela está bem, fez tudo que considerou importante para o acontecer do dia. No intervalo das músicas, pode ouvir o cantar dos pássaros e com eles o som dos carros e a energia de quem está em outra função.

Ela está presa às burocracias acadêmicas, a pequena em processo escolar, e ele fazendo sua função no ritmo da beleza interiorana.

Se Barão Geraldo é uma bolha, a Unicamp é a bolha dentro da bolha que é Barão. A moradia é a bolha dentro da bolha Unicamp, dentro da bolha Barão. E aqui...

Aqui não classificaria como bolha, talvez plasma a parte.

Como dizem as crianças... "Fomos visitar 3 fazendas!"

Que venham os pequenos grandes protagonistas!

*Os pequenos grandes protagonistas vieram...*

Ah! Foi! E como foi, eu diria...

O envolvimento vai acontecendo. Talvez o verdadeiro encontro começa a acontecer.

O encontro, digo, com o espaço, comigo mesma. Descobrimo o que se gosta, o que se bem faz.

Soja, batata, mostarda e shoyo.

“O que você está comendo?! Eu quero!”

De repente um bolinho de crianças envolve o forno de barro. Tudo flui, acontece, principalmente longe dos adultos.

A última palavra do quadro de hoje – e acredito ter sido a chave do dia, foi COZINHAR.

Cozinhar a mandioca foi massa!

Massa pois eles ajudaram a colher, a descascar, viram cortar e botando pra cozinhar, e aí... comeram!

O lance foi massa....

**(Último texto escrito durante a experiência do projeto Sementes Crioulas)**

Um texto escrito, um desenho colorido e um sentimento exprimido.  
Me encontro também com as cores e técnicas...



Figura 20 – A confiança em giz pastel.(Ilustração extraída do livro “Pedagogia da Terra”<sup>21</sup>)

---

<sup>21</sup> MST, Coletivo de Coordenação do Setor de Educação do (Org.). **Pedagogia da Terra**. 6. ed. Veranópolis: Iterra, 2002.

Ao iniciar as atividades do projeto não fazia ideia do que viria pela frente, e também não tinha grandes expectativas, assim como no ingresso à faculdade.

O interesse me abriu as portas; o risco, o desafio e o desejo me colocaram na estrada e, no caminho fui descobrindo o que significava o fazer, o sentir, o experimentar, o viver, assim, eu renasci em minha experiência.

Rendi-me ao novo, ao desconhecido, arrisquei, mergulhei e então vivi. Pude, a partir do vivido, significar meu fazer e meu pensar, pude me encontrar.

“A vida é conservadora. Tem medo de tudo quanto é novo. Ela sabe dos perigos. Os caminhos já trilhados são sempre mais seguros. Daí o apego às repetições binárias. Para continuar vivendo.

Imagino que seja isto, o aprendizado desta lição de vida, que fez com que as culturas tivessem tanto medo das mudanças. Atravessam séculos, até milênios, repetindo as mesmas práticas já testadas e experimentadas, fazendo as coisas sempre do mesmo jeito, o fim desembocando sempre no começo, e tudo acontece de novo, num eterno retorno, mostrando que a lição da natureza foi bem aprendida, o tempo dos homens agarrado ao tempo da vida, fiel aos seus ciclos, o giro sem fim das estações, o giro sem fim das estrelas, a eterna sucessão do dia e da noite. (...) e os olhos e as mãos dos que se dedicam ao saber sabem que não vale andar por caminhos já percorridos. E a coisa nova é que recebe o prêmio. Mesmo que ela possa, por acidente, arranhar a frágil bolha de sabão. Não importa entender. É preciso transformar.” (ALVES, 1984, p. 43-45)

Acompanhando na academia tantas discussões e afirmações a respeito da inovação e da criação na educação, e ao mesmo tempo, vivendo nesta academia a reprodução de teorias e maneiras de atuação e avaliação completamente conservadoras, não imaginava poder construir um Trabalho de Conclusão de Curso da maneira que aqui apresentei.

Ao iniciar o processo de construção do TCC, havia projetado uma pesquisa científica pautada em um tema central e específico, porém com a construção do Caderno de Memórias do projeto Sementes Crioulas, fui completamente incentivada por minha orientadora a resgatar e dialogar com minhas experiências vividas. Tal prática já havia sido estimulada anteriormente durante uma disciplina do curso de pedagogia, onde a professora – hoje minha

orientadora, solicitava do grupo a produção do conhecimento, a partir dos nossos pensamentos e reflexões acerca do tema estudado, e não somente a partir da reprodução de concepções teóricas. Sua especialidade de pesquisa, a grosso modo, não se aproxima exatamente de meu tema, porém a maneira como ela se relacionou, se interessou e me orientou, foi formidável, se encontrando diretamente com minha concepção de atuação e relação professor/aluno, onde pude, através de suas orientações, me organizar e esclarecer de forma autônoma o que realmente buscava com este formato de TCC.

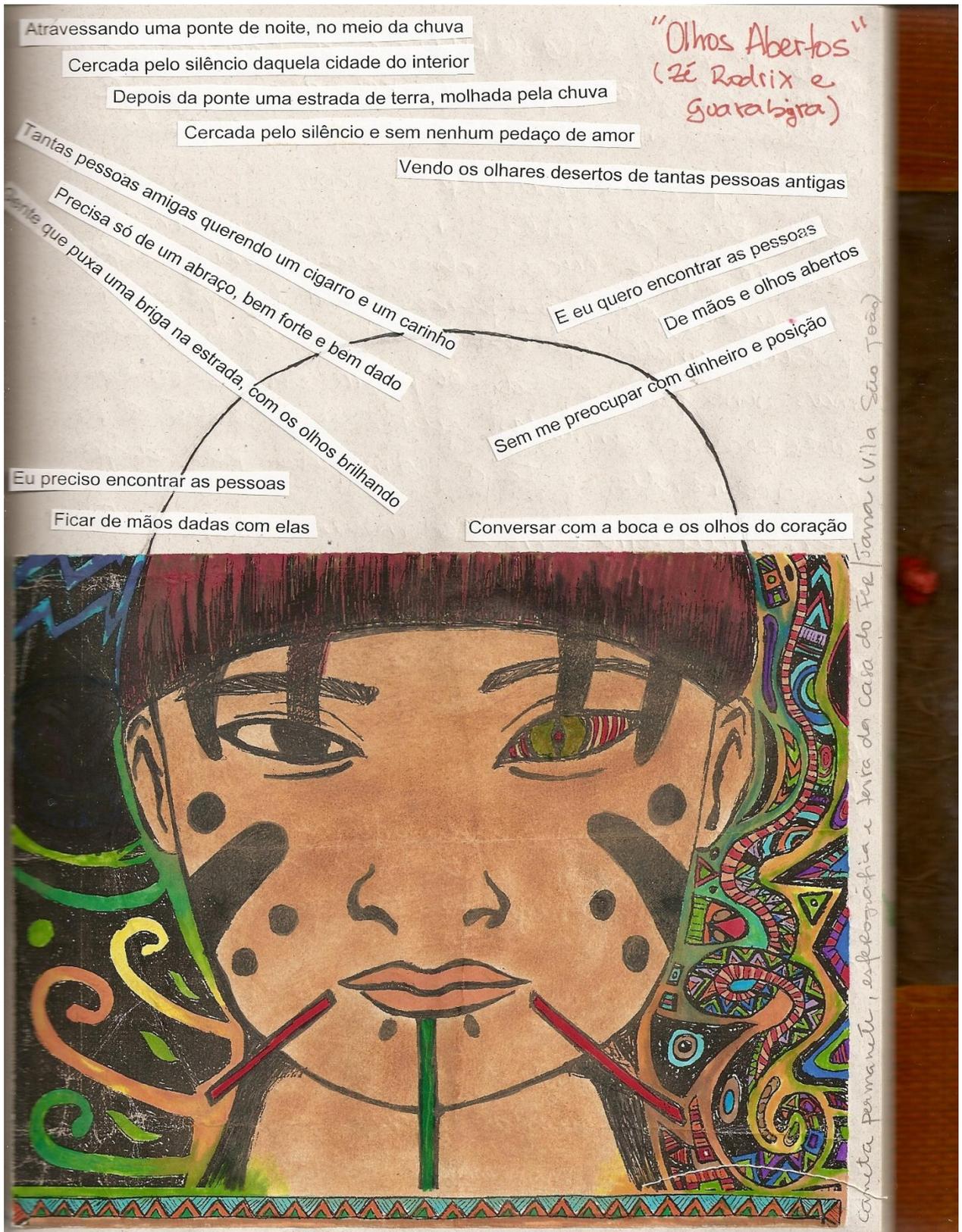
“O que transmite fundamentalmente um professor, a meu ver, não é tanto o repertório que ele domina, mas a perspectiva desde a qual ele próprio produz seu trabalho com o pensamento (...) o professor transmite é o modo como se faz sua prática enquanto pensador. Não que a transmissão de um repertório não seja importante, mas é que considero que o que mais conta de fato é o tipo de relação que o professor estabelece com o repertório de sua escolha, o estatuto que lhe atribui no bojo de seu trabalho, e isto independentemente de qual seja este repertório.” (ROLNIK, 1993, p.12)

Estava propondo uma proposta metodológica de atuação, e principalmente uma proposta de construção de trabalhos de conclusão de curso, os quais geralmente se equivalem à pesquisas científicas e não a processos de reconstituição do eu vivido, formado e transformado a partir de suas experiências e formação acadêmica.

Mesmo organizando e construindo um trabalho que busca apresentar a trajetória acadêmica a partir do registro das vivências, ainda assim, fica difícil transcrever em palavras ao certo o que se sentiu, o que viveu e o que foi significado. A expectativa acadêmica, neste momento, é superada pela subjetividade e pelo sentimento de quem escreve e, conseqüentemente, de quem lê. O pensamento subjetivo é estimulado e a sensação daquele que escreve é significada e sentida pelo leitor de maneira singular, acompanhando também seu processo de resgate de memórias.

Concluo, a partir disso, e me tomando como exemplo, que a reflexão e relação das teorias e das vivências experimentadas, possibilita no processo de formação do sujeito uma ampliação dos canais de comunicação, a ampliação das visões, das possibilidades, do conhecimento. Viver, experimentar, pesquisar e descobrir amplia e emancipa o intelecto, faz nos sentir mais livres e capazes em produzir, em gerar questões, em discutir e repensar ações.

Elis Regina cantou, encantou e significou em mim as palavras de Zé Rodrix e Guarabira...



(Gravura encontrada na rua, colorida com caneta esferográfica e terra)

Se, ao ingressar na universidade não sabia o que buscava, hoje me formo esclarecida do que busco na educação e em minha atuação enquanto sujeito transformador da realidade. Busco me encontrar e trocar com as pessoas, descobrir o mundo na busca no novo, daquilo que não vivi, daquilo que

desconheço, daquilo que, por hora, ainda me dá um frio na barriga, daquilo que logo será o conforto, o amigo. Assim, pretendo ploriferar a singularidade, a criatividade e as diferenças, construir coletivamente o conhecimento, possibilitando a emancipação intelectual dos sujeitos de modo que se tornem indivíduos livres em suas buscas e escolhas, que sejam sujeitos autônomos.

Foi a partir das experiências vividas em diferentes contextos - acadêmicos e extra-acadêmicos, que pude significar a teoria oferecida pela faculdade, e assim construir meu pensamento, meus objetivos, minhas concepções, minha ideologia enquanto pedagoga. Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia*<sup>22</sup> expressa exatamente o aglutinado de ideias que perpassam minha cabeça neste momento de (in) conclusão de trabalho e de curso:

“A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. (...) É nesse sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem ‘tratar’ sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, sem teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível” (1996, p. 58)

---

<sup>22</sup> Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa (1996)

## Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. 3. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 9).

\_\_\_\_\_. **O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender**. Campinas: Fundação Educar Dpaschoal, 2004. 64 p.

EDWARDS, Carolyn et al. **As Cem Linguagens da Criança: A Abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999. 320 p.

FÁVERO, Maria de Lourdes de A.. A universidade em questão: como resgatar suas relações fundamentais. In: FÁVERO, Maria de Lourdes. **A Universidade Em Questão**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989. p. 46 - 47. (Coleção polêmicas do nosso tempo; v. 29).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148 p.

GALLO, Silvio. **Educação Anarquista: Um paradigma para hoje**. Piracicaba: Unimep, 1995. 252 p.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Risco**. Campinas: Papyrus, 1995. 191 p. (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico).

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. Aveiro: Theoria poiesis práxis, 2004. 21p

RANCIÈRE, Jacques. **O Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual** (trad. Lilian do Valle). Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico in **Cadernos de Subjetividade**, v.1 n.2: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduated de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993.

WARSCHAUER, Cecília. **A Roda e o Registro: Uma parceria entre professor, alunos e conhecimento** 235. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. 235 p.